

Capítulo 7

PROCESSO CRIATIVO: DE PALAVRAS GERADORAS A PROJETOS PARA TAPETES

O processo de criação foi orientado de forma que cada mulher pesquisada/pesquisadora deveria pegar a foto de sua casa ou de casas da vila Cerrito e desenhar. Deveria olhar para as casas da Cerrito e observar o que identifica essas casas. Orientei para que se detivessem aos detalhes, considerando que a imagem oferece uma outra visão do objeto definida pela percepção de quem a vê. Segundo Neiva: “A imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade”. (1994, p. 05)

O trabalho começou entre uma descontraída conversa envolvendo suas casas e peculiaridades da Vila. Posteriormente, cada mulher pesquisada/pesquisadora, tendo seu desenho como referencial, fez um pré-projeto em folha sulfite A4, com grafite. Orientei que a partir dos elementos dos desenhos delas fosse criado o projeto, usando as estruturas e formas.

No final colocamos todos os projetos próximos aos desenhos referenciais e os analisamos. Orientei a cada uma para que fizesse pesquisas práticas em casa, de acordo com o que apontavam no próprio pré-projeto.

No encontro seguinte, após a continuação da reflexão-conscientização sobre moradia digna, trabalhamos na prática com o conceito de função e tamanho referindo-se aos tapetes. Para essa primeira proposta as pesquisada/pesquisadora decidiram uniformizar o tamanho dos tapetes, que foi definida em 1,0 x 1,5 metros.

Passamos a trabalhar da forma mais simples possível a escala para ampliar os pré-projetos e desenhar os projetos para pintá-los. Os pré-projetos foram ampliados observando relações de equilíbrio no espaço, modificando formas se necessário.

No segundo projeto, dialogamos se manteríamos um tamanho padrão para todas. Resolvemos diversificar. Continuamos com o mesmo *tema gerador*: FILHOS, porém com opção de função e tamanho diferentes. Então, cada pesquisada/pesquisadora pensou como seria seu tapete. O resultado foi:

Mulher	Tipo/Função	Dimensão
Denise	Quarto - lado da cama	0,60 X 0,90 m
Tereza	Passadeira	0,50 X 1,0 m
Marlete	Tapete para frente da pia	0,60 X 1,20 m
Rosângela	Passadeira para cozinha	0,60 X 1,20 m
Elissandra	Quarto	0,70 X 0,50 m

Quadro 16 Dimensões individuais dos tapetes.

O processo de criação seguiu a mesma orientação do *tema gerador* anterior, para o qual as mulheres trouxeram elementos (objetos) referenciais relativos ao significado do *tema gerador*.

Para o terceiro projeto as mulheres pesquisadas/pesquisadoras decidiram por determinar um tamanho padrão para todas. Acompanhe o diálogo a seguir:

Defini um só. (...) Tudo do mesmo tamanho. (...) De tamanho tu sabe que eu não entendo nada. (...) Fazê desse tamanho ou maior? (Denise)

Fazê mais pequeno. (Rosângela)

É bom ansim oh! O tamanho que de certo tanto de... pra não ficá muito recortizinho piquininho. Eu quero que dê certinho tu entendeu. Tanto por tanto: já era! Ah, ah, ah. (Denise)

Ressaltei que elas poderiam determinar a dimensão. Optaram por um quadrado de 1,50 X 1,50 metros. Um tapete quadrado, por que não? Não existe uma lei que defina o padrão de tamanho pré-determinado. Desse modo as mulheres pesquisadas/pesquisadoras apresentaram criatividade também na tomada de decisão quanto ao padrão dos tapetes. Os tapetes artesanais persas possuem várias dimensões de tamanhos, inclusive os tapetes que variam o próprio tamanho, são tapetes dos nômades que precisam desmontar e remontar seus teares.

Esta foi à proposta que teve *temas geradores* diferentes. Cada pesquisada/pesquisadora teve um *tema gerador* que foi comum a todas para a reflexão, mas individual na pesquisa gráfica. Tivemos então:

1º	Tema Gerador Comum	Padrão comum
2º	Tema Gerador Comum	Padrão diferente
3º	Tema Gerador diferente	Padrão comum

Quadro 17 Tapetes – *temas geradores*

A seguir passo a relatar e analisar o processo criativo das mulheres pesquisadas/pesquisadoras, o que faço individualmente, mulher por mulher.

7.1 Mulher pesquisada/pesquisadora: DENISE (32 anos)

Cabe aqui ressaltar que esta pesquisada/pesquisadora participou de todas as atividades que eu desenvolvi nesta comunidade desde 1999. A primeira delas como monitora do projeto “*Vila Cerrito: palavra geradora como tema para reflexão-ação em arte-educação*”, executado no centro comunitário Nossa Senhora Aparecida.

Este projeto atendia às crianças da comunidade em idade de 06 a 14 anos, no período não escolar e visava, também, despertar lideranças na comunidade. Embora sua filha, Luana, não estivesse em idade de

participar, contava com 03 anos na época, Denise esteve presente desde a primeira reunião marcada, sempre levando consigo sua filha.

Juntamente com uma vizinha, não alfabetizada como ela, (esta ex-monitora que já fora citada), certo dia manifestou o convite para que eu as ensinasse a ler e escrever. Este pedido fez com que eu mediasse a instalação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-RS) na comunidade.

Denise demonstrou tamanha pontualidade e responsabilidade em todas as atividades de que participou, que ficou de posse da chave do Centro Comunitário para que o “grupo de costura” formado em 2002, pudesse se reunir para costurar.

Por decorrência desta trajetória, ela possui um grau de criticidade bastante apurado. Embora com dificuldade para escrever e com recorrentes erros de português, é a pesquisada/pesquisadora que, em quantidade e qualidade, melhor e mais se expressa verbalmente. Por esse motivo, por muitas vezes pedi que ela esperasse para falar após as outras mulheres, pois suas falas provocavam um concordar coletivo ou “o que eu ia dizer ela já disse”.

7.1.1 Tema Gerador : CASA



Figura 25 Casa da Denise.

Denise começou a prática criativa desenhando sua própria casa a partir de fotos que trouxera. (fig.25).

Mari tu me empresta uma borracha? Essa porta vai ficar muito grande, essa janela vai ficar muito pequena. Tá uma confusão de casa. (...)

Agora não tem mais pé de árvore aqui na frente... eu não vô desenhá. Mari, não ali na frente não tem.
(Denise)

Mas aqui na vila não tem? Não precisa ser só o que tu tem. O que tu tem nos fundos do pátio?

Ah, pode desenhá? (Denise)

O que mais tem aqui na vila é árvore. (Rosângela)

Qual é a sombrinha que tu fica. Ficava né, todas as tardes.

Os ocalípto. (Denise)

Aqui vô desenhá como ela era. (Denise)

Onde eu botô poste na minha casa? aqui vai ficá na frente.

Não, não quero botá poste. Não dá no espaço do papel. Se eu botá mais ali vai estragá a casa. (Denise)

Esse diálogo demonstra a preocupação com o real, então eu fui dando pistas para que ela soltasse a imaginação, expandindo para outros referenciais presentes na vila e para a compreensão do desenho como representação.

Bunito o tal do projeto. Bunito. (Denise)

Isabel elogiou sua criação.

Obrigada. Meu tapete! Olha que bunito. Tapete com a casinha ele serve para casa mesmo. (Denise)

Essas falas revelam que ela se deu por satisfeita com a primeira experiência (fig. 25). Como havia terminado seu pré-projeto antes das outras, sugeri que fizesse outro.

Mas a minha casa não tem muita coisa pra tirá! (Denise)

Tem.

Orientei que usasse uma estrutura diferente da primeira e sugeri que trabalhassem com as formas inteiras que apareciam em seus desenhos, acrescentando, que poderiam fazer uma coleção a partir dos desenhos.

...fazendo a forma do telhado dela. (Denise)

Falei que estavam boas as formas da janela e porta.

A janela não vai ficar muito feia aqui? (Denise)

Será?

Fazê pra vê né? (Denise)

Suas falas mostram que, ao mesmo tempo que foi tendo dúvidas, também foi encontrando as soluções através da experimentação. Novamente incentivei-a a soltar a imaginação.

A partir dos pré-projetos (fig 27) feitos, orientei a Denise a desenhar no intervalo que tivemos no fim-de-semana sua casa e janelas e portas observando os detalhes. (fig 26)

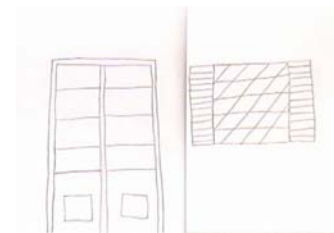
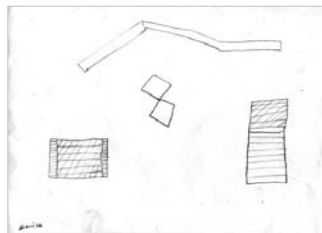
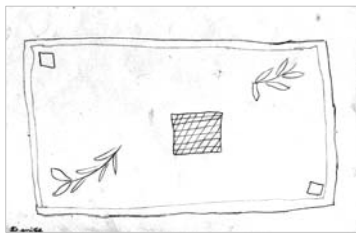


Figura 27 Tema gerador CASA -.Pré-projetos 1 e 2. Denise.

Figura 26 Formas: porta e janela.

Foi preciso selecionar um dos dois pré-projetos para ser efetivado em projeto. Na ampliação foram modificadas algumas formas, ela empregou as formas que desenhou em casa, preservando sua ordem, contudo atribuindo mais riqueza ao projeto.

Para que o projeto ficasse equilibrado, orientei que ela desenhasse as formas em papéis separados para que, dessa maneira, pudesse manusear conferindo o equilíbrio necessário ao projeto. (fig. 27)

A Denise chegou, no dia seguinte, questionando se não teria que pintar o projeto da cor que é na real a sua casa.

Não sei ... eu ia te comentá, assim, oh! Não é bom a gente pintá da cor que é? Assim da cor que é a casa da gente. (Denise)

Coloquei que poderia ser, no entanto, no trabalho ela teria que adequar as cores para combiná-las melhor. A Denise escolheu a cor de fundo, extremamente clara, e foi misturando as outras. Eu apenas orientei-a para que ela ajustasse as tonalidades mantendo o equilíbrio que ela já dera com as formas.

Expliquei que conforme elas vão conhecendo os materiais e suas

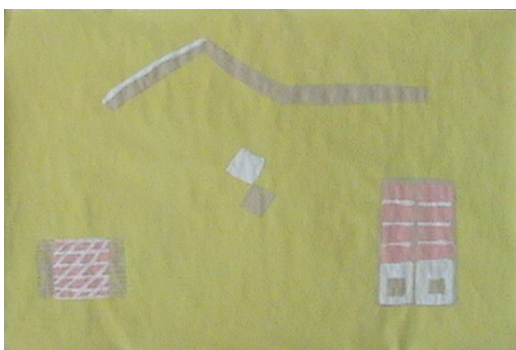


Figura 28 Tema gerador CASA – projeto Denise

possibilidades de uso, mais têm condições de premeditar o que querem fazer e como. Ao dar por concluído seu trabalho, chamei a Denise para analisarmos. Ela achou que faltava algo na forma do telhado da casa: branco. Então concordei e ela incluiu uma pequena faixa branca.

Esse fato demonstra que ela já no momento da construção do seu projeto (fig.28) soube analisá-lo e corrigir, acrescentando cor e forma em um determinado ponto de modo a que ficasse equilibrado. Ela manifestou ainda que se fosse um tapete ficaria bonito e que usaria na casa dela.

7.1.2 Tema Gerador: FILHOS

Para esse *tema gerador* a Denise trouxe fotos da Luana quando bebê e mais grandinha e um ursinho de pelúcia com o qual a filha brinca (fig.29 e 30).



Figura 30 Denise desenhando o ursinho.



Figura 29 Ursinho e bebê 1 e 2 – Denise.

Eu trouxe um ursinho, que é... pra minha fia. (...) O ursinho (...) porque eu gosto mais deste. Eu adoro brinquedo. Que bunitinho. (Denise)

Orientei-a a desenhar os objetos ressaltando as características.

Mas tem que sabê desenhá foto! Eu copiei as formas, a forma da foto que ela tinha aqui, ó! [foto da Luana] (...) Coisa mais chata de fazê essa cabeça aqui, não tá dando certo já. Essa cabeça já tá me irritando. (Denise)

Essas falas revelam as dificuldades encontradas no processo de criação. Ao desenhar a filha de colinhas sugeri que ela observasse a menina que brincava no outro lado da sala e que estava com duas colinhas (fig.31 e 32).



Figura 31 Luana de colinhas.



Figura 32 Desenhos da Luana de colinhas - Denise.



Após o término dos desenhos, coube a ela escolher a função e o tamanho do tapete que criaria.

Tapete pra bera da cama. (Denise)

Imagina o tapete que tu criou pro lado da cama da Luana.

Vontade de botá essa linha da bruzinha aqui, ó. Ou aqui, ou aqui, sabe? Essa linha aqui que é meio onduladinha [terceiro pré-projeto— linhas laterais] Eu acho que vô fazê só cabeça do urso aqui no meio. Só a cabeça do urso. Acho que vô fazê o urso aqui no meio. (Denise)

Expliquei à Denise que lembrasse de que o tapete seria visto de todos os lados. Suas falas mostram a incorporação de alguns elementos da linguagem visual em seu vocabulário.

Queria fazê outra coisa pra preenchê esse espaço aqui. Não tô me achando. (Denise)

Fiz com que ela lembrasse dos aprendizados anteriores: textura, linhas, listras, xadrez, tudo isso poderia ser usado como fundo.

Meu desenho tem linhas. Tem no cabelo da Luana, tem na sainha. (...) Mari e se eu botasse ele no meio ansim, ó! E daí nesse canto aqui quem sobre eu fizesse a forma o da orelhinha, num canto a orelhinha no outro canto o triângulo que é o narizinho dele... e inventasse assim sabe? (Denise)

Pode, então desenha em outra folha.

O olfinho, também, pode sê... (Denise)

Esse relato comprova a capacidade reflexiva quanto ao próprio processo de criação. Ela não fez o pré-projeto ao acaso, mas o construiu considerando o que aprendera até então. Fica claro que ela vai organizando o próprio pensar à medida que organiza os elementos no espaço, atingindo um grau de autonomia em que já não necessitou mais da minha aprovação, considerando, ela própria, seu resultado satisfatório. Este diálogo mostra a clareza de seu entendimento dos elementos enquanto representação e ao mesmo tempo enquanto formas no espaço.

Porque que tu mexeu?

Porque eu achei que ficava melhor daquele jeito. Porque como tu diz: eu não vô só oiá o tapete daqui! Que daquele jeito o ursinho do lado que tu olhar vai tê ursinho por tudo quanto era lado! (Denise)

Argumentei que ela podia trabalhar com espaços vazios ou espaço com a cor.

Podê sê assim também, Mari, ah! Quem sabe eu boto só os ursos. (...) Daí fica preenchido o espaço das... Acho que eu vô botá porque eu gostei assim. (Denise)



Figura 35 Pré-projeto 1
Tema gerador FILHOS



Figura 33 Pré-projeto 2



Figura 34 Pré-projeto 3

Concluídos os três pré-projetos, selecionamos um para que fosse ampliado. Tu tens que fazer com que o teu projeto nessa folha fique de 70 X 50 cm. Tu sabe fazê conta? Considerando que a Denise é semi-alfabetizada, ajudei a medir e cortar o papel para o projeto. Anteriormente, ela preparou a cor rosa para o fundo e logo o laranja e o azul.

... que tu acha dessa minha cor? (Denise)

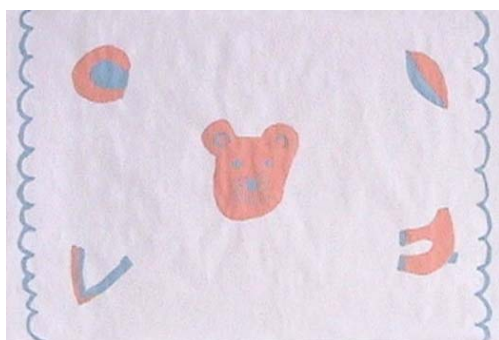


Figura 36 Tema gerador FILHOS – projeto, Denise.

Suas cores são marcadas por tonalidades claras (fig. 28 e 36 – casa e criança) as quais rapidamente decide, mistura e harmoniza-as com facilidade.

Ao terminar este projeto, coloquei a proposta de um último projeto com temas individuais e posteriormente escolheríamos um para imprimir no suporte.

O que que é imprimir? (Denise)

No nosso caso é através de técnicas artesanais, imprimir essas formas no pano, no suporte que a gente escolhe pro tapete. Aí tu vai imprimir com tinta, com tela, puchar, carimbo...

O que que é pochua? (Denise)

É molde vazado, é fazê um molde e pintá com rolinho.

Eu sô espiculenta, também, por favor! Pochua.. (Denise)

Para esta mulher pesquisada/pesquisadora o que falta na dificuldade que encontra para escrever é superado na curiosidade atenta, própria da consciência aplicada em conhecer mais.

7.1.3 Tema Gerador: PONTE

O *tema gerador* PONTE ficou para a Denise, primeiramente como sugestão minha, por toda a sua história acerca da ponte, ou melhor, da falta de uma ponte. Sua trajetória e suas falas recorrentes em torno deste tema contribuíram para esta escolha.

Como havia ficado combinado, ela foi para a sanga que se localiza próxima a casa dela, e observou, desenhou a ponte como é, usando a imaginação, como gostaria que fosse (fig.37 a 39).

Figura 37 A ponte como é I

Figura 38.A ponte como é II



Figura 39 A ponte como gostaria que fosse.



...a ponte lá que eu fiz. Esse aí é o trilho, perto da Rose e essa aí é a ponte como eu quiria. (...) essa é a ponte que é. Porque o qui tem as madeira, só que eu fiz bem fraquinho, né. Pra depois enfortalecê, e aqui os pedaço de tábua que tem lá. Tem um poço ansim. Eu tava botando tudo ansim ma não é tudo ansim, tem um poço ansim cumprido, né. Eu diferencei. E aqui é os lixo que escorre: ropa, que botam bastante fora, lata, sacola... (Denise)

Nesta descrição da forma como observou, o ambiente que cerca o tema ponte está refletido na análise que ela foi fazendo, proporcionada pela observação mais apurada da imagem da ponte. O que num primeiro olhar parecia semelhante: os pedaços de tábuas no mesmo sentido, com um novo olhar; o da observação, ela percebeu que havia diferenças: tábuas no sentido perpendicular. Tendo ela refletido, diferenciou na representação através do desenho, ou seja, teve uma ação modificada.



Figura 40 Seqüência provocada pela observação no desenho da observação.

E continuou a leitura crítica apontando para o lixo encontrado no local. Esse fato comprova que a leitura de imagem, como leitura de mundo, relembrando Barbosa, contribui para desenvolver a percepção e imaginação, a partir da apreensão da realidade do ambiente, ampliando a capacidade crítica, permitindo analisá-la desenvolvendo a criatividade de forma a mudá-la. "...a arte capacita um homem e uma mulher a não ser estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence". (1998, p. 16)

Dei sugestões á Denise para que fizesse os pré-projetos com os desenhos da ponte como ela os desenhou, como é e como gostaria que fosse. Nesse momento surgiu o assunto da dificuldade que encontravam em reproduzir o próprio desenho, aqui entendida como habilidade motora.

... eu acho. Dá tudo errado. (Marlete)
Depois tu vai repeti, tu não consegue fazê os mesmo né. Que engraçado? (Denise)

Neste caso, a criatividade estava esbarrando nas dificuldades por ela encontrada. Essa dificuldade gera o que Ostrower chama de “tensão psíquica”, um aspecto relevante na criação, pois “... ela se restabelece nos próprios processos através dos quais se realiza”. (1999, p. 27) Considerando que os sentimentos influem na imaginação, estes fatores acima descritos certamente influenciam o processo de criação da Denise. Sua imaginação operando na ordenação e configuração de formas subordinadas às tensões dos próprios sentimentos.

Desafiei-a a solucionar os pré-projetos, visto que ela não estava conseguindo visualizá-los. Então, ao notar que as colegas estavam solucionando os seus, bradou:

Tu já tem três? Ah, tu viu Mana. Eu tô apavorada que eu (...)
Claro a dela é tudo coisa graúda né. É fácil. O meu era cheio de coisinha. Se eu subesse tinha feito uma ponte com as tábua de tamanho dessa mesa. (Denise)

Esse fato reflete uma faceta que se estabeleceu naturalmente no decorrer do processo de trabalho. Quando uma das pesquisadas/pesquisadoras demorava mais para fazer seu trabalho mais minucioso, considerava-se atrasada e tratava de fazê-lo às pressas para alcançar as outras. Não senti concorrência, era mais uma necessidade de andarem juntas. Isso acontecia, também, quando uma delas havia faltado ao encontro anterior.

A Denise, então, resolveu concentrar-se no seu fazer:

Mais um projeto. Agora o terceiro. (...) Mari e se eu quisé botá ela ansim, ó. (Denise)

Pode.

Acho melhor. (Denise)

Esse



Figura 41
Pré-projetos
1. 2 e 3 do
tema gerador
PONTE.

sinal que tu fez, assim. Quando é assim

se chama diagonal.

Aqui a Denise revela a sua superação, tendo eu dado algumas dicas de como poderia fazer, ela pensou mais e encontrou a própria solução: a diagonal, situação que o módulo quadrado do tapete permitiu. De outra parte, o sinal que ela fez para dizer o que queria fazer, demonstrou o seu desconhecimento da terminologia adequada, o qual eu introduzi. Este conhecimento se fez necessário pelo processo do trabalho, onde o local tornou-se espaço simultâneo de fazer e conhecer.

Orientei-a como implementar sua idéia na prática. Tu pode desenhar numa outra folha menos, depois tu só vira e ficam os dois lados iguais.

É uma ponte e tanto! (Denise)

Deixei que escolhesse o pré-projeto que queria ampliar.

Eu gostei desse aqui, também, ó, se no meu caso. Se no meu pensamento no tapete ficá bem bunito. E porque é como a Mari diz qualquer ângulo ela tá bom. Qualquer lado. (Denise)

Orientei a Denise a medir a largura das linhas na trena ou régua. Sugeri que usasse cores mais fortes neste projeto para diferenciar dos outros, também que usasse textura.

Qual das tintas, de todas, tu colocaria para fazer uma textura?

Acho que essa aqui. (Denise)

Perfeito. Que tipo de textura?

Com pincel. (Denise)

Então tu vais pegar todos os pincéis e experimentar. Expliquei que faríamos molde e como pintaríamos no molde, orientando todo o processo de estampagem artesanal, desde o corte das máscaras às diferentes tintas para tecido com outro tipo de corante.

O processo criativo da Denise partiu de atos intencionais e conscientes elaborados pela capacidade de selecionar, relacionar e integrar os dados do seu mundo externo e interno. Usando a intuição, combinou e criou partindo de elementos da própria realidade.



Figura 43 Ponte – projeto para estamparia têxtil. Denise.



Figura 42 Ponte – tapete estampado (1,5x1,5m) – Denise.

No caso do projeto da ponte, esta mulher pesquisada/pesquisadora fez uso da atividade imaginativa que envolveu as primeiras três formas de fazê-lo, que aponta Vygotski. A primeira forma, pois, parte da ponte existente na vila, a segunda, porque fez uso de imagens de pontes que existem, já foram criadas e estão na memória dela na forma de imagem

mental; e a terceira forma, é constituída de todo o sentimento que vem da vontade, esta gerada pela necessidade de ter uma ponte nova, que influenciou sua criação: uma ponte nova que, como ela relatou, com as “beradas” (laterais) para as pessoas passarem.

Como função que ultrapassa a atividade repetidora, a elaboração deste projeto de tapete, tendo por base a função criadora, se não é a solução efetiva para o problema da ponte na comunidade, certamente, para ela é a descoberta comprovada da sua capacidade de resolver problemas, pois tendo o tapete estampado, ao mostrá-lo, faz questão de dizer: “esta é a ponte como eu quero que seja”. “A produção de imagens nos possibilita codificar experiências, sonhos e desejos”. (Santos, 2002, p. 61)

Neste caso o tapete é a representação simbólica da solução de um problema real, tendo nela encerrada a “linguagem presentacional dos sentidos” com significados que não podem ser transmitidos de outra forma. E repito aqui parte de uma citação que se faz pertinente. “Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (Barbosa, 1998, p. 16).

7.2 Mulher pesquisada/pesquisadora: ELISSANDRA (23 anos)

Esta pesquisada/pesquisadora nunca havia participado de atividades que eu realizara na comunidade. Sua única filha de três anos não tinha idade de participar do projeto realizado no Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida até 2002.

A Elissandra teve grande facilidade para se expressar oralmente; articula com rapidez as palavras e o português coloquial bastante correto. Usa expressões mais diversificadas para dizer o que quer.

Pensa rápido e coloca com rapidez o que quer dizer. Por outro lado, faltou muitos encontros, fator que prejudicou seu processo de criação. Ocorreu que ela não participou da reflexão-conscientização acerca da *palavra geradora*, fator que, para esta pesquisa, é parte integrante do processo de criação.

Mesmo possuidora de notável habilidade motora, fator que contribuiu para a rapidez da feitura dos projetos. A ligeireza, neste caso, impediu que seu processo criativo fosse mais pensado, reelaborado, superando o primeiro resultado mediado pela análise e reflexão.

7.2.1 Tema Gerador: CASA

Chegou um pouco antes com os desenhos da casa dela que eu tinha deixado como tarefa. Começou a fazer os pré-projetos que não havia feito no último encontro e rapidamente executou um pré-projeto; o fez com estrutura de barrado ao redor. (fig. 46)

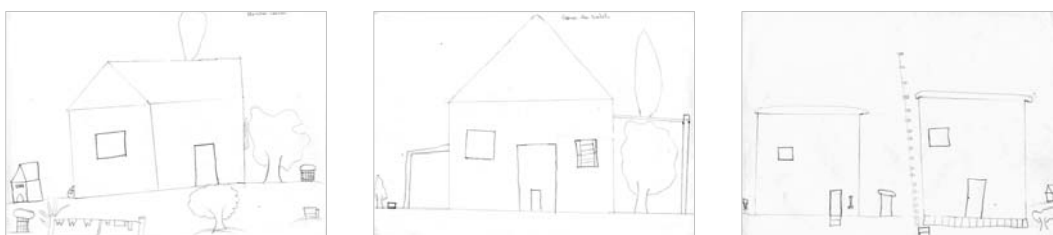


Figura 44 Desenho de casas da vila Cerrito para o *tema gerador* CASA – Elissandra.

Muito semelhante à estrutura do tapete coletivo que estampamos na oficina de carimbo, o mesmo que ela desenhara após análise dos tapetes. Trouxe na memória a experiência de já ter feito um tapete.

Seus desenhos, feitos a partir da observação da sua casa, da de sua sogra, que se situa em frente a sua, e de outras casas da vila

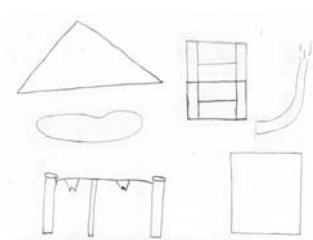


Figura 45 Formas empregadas nos pré-projetos pela Elissandra.

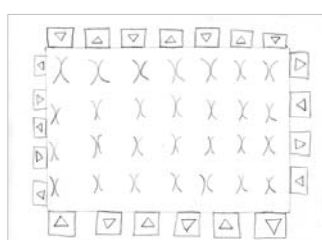


Figura 46 Tema gerador CASA – Pré-projeto I.

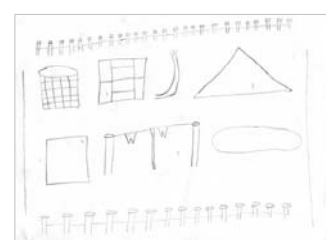


Figura 47 Tema gerador CASA – Pré-projeto II

evidenciaram alguns elementos culturais da comunidade: como a cerca e o varal de roupas e janelas sem vidros que aparecem na forma de um quadrado. Deixou ver, também, características mais particulares, como a báscula da casa da sogra e o poço que aparece no desenho da sua casa (fig. 44 e 45). Estes elementos citados, tão reveladores da cultura local, foram empregados no segundo pré-projeto, após eu tê-la desafiado a superar-se, diversificando a estrutura do primeiro (fig. 47).

Posteriormente fizemos a escolha, na qual as colegas ajudaram a refletir sobre qual dos dois refletia o referencial casa. Optamos pelo segundo com algumas modificações.

Orientei-a a desenhar as formas ampliadas em sulfite, as quais recortadas foram organizadas no espaço de forma a acertarmos quanto ao equilíbrio no espaço. Esse processo facilitou a organização, de maneira que algumas formas foram trocadas de posição.



Figura 48 Tema gerador CASA – projeto. Elissandra

Expliquei que os projetos da Tereza e da Marlete eram mais fáceis de equilibrar, pois possuíam estrutura simétrica. Uma vez o espaço organizado, foi só reproduzir a forma no projeto definitivo diminuindo a margem de erro.

Para a pintura, a Elissandra escolheu as cores as quais eu interfeiri apenas na harmonização dos tons. Vendo o resultado, ao ser indagada se gostou e se usaria esse tapete, com franqueza respondeu.

Sinceramente não! Usaria, né, mas não gostei tanto.
(Elissandra)

Seu próprio resultado não a satisfaz, gerando um desinteresse que a fez não concluir o trabalho do último tema gerador e na seqüência não

estampou um projeto. De qualquer modo ela fez parte do processo de trabalho, fazendo-se necessário analisar seu processo individual pertinente a esta pesquisa.

7.2.2 Tema Gerador: FILHOS

A Elissandra não veio no dia anterior, pois recebeu a visita da irmã que reside na vila Maringá, próximo. As outras mulheres pesquisadas/pesquisadoras comentaram que se tivessem visitas da família diriam: “*to indo pro meu trabalho*” (Marlete).

Este fato desvela o nível de importância atribuído ao trabalho manifestado na responsabilidade e compromisso assumido por cada uma das mulheres, visto que todas elas eram convidadas livremente a integrar a pesquisa.

Ao chegar, bem depressa, ela começou a desenhar os objetos da filha que trouxera, uma saíinha que a menina gosta, uma boneca e uma foto no porta-retrato. (fig. 49)

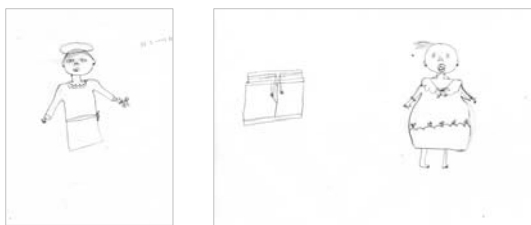


Figura 49 Filha, saíinha e boneca- Elissandra.

Após representar os três referenciais que trouxera, observei que deveria repetir o processo do *tema gerador* anterior e construir os pré-projetos com os elementos que desenhara.

O primeiro pré-projeto (fig. 50 1) deixa ver a capacidade de desconstrução e reconstrução, onde tendo como base os três referenciais fez uso de seus elementos para construí-los.

No segundo pré-projeto ela repetiu a forma da saia nos quatro cantos completando com duas linhas centrais (fig. 50 2)

Interferi dizendo que, diante dos referenciais que ela tinha, poderia utilizar forma do desenho ou pegar alguma forma e ampliar e dela sair o tapete. Mostrei como fazer recortando uma “janela” numa folha.

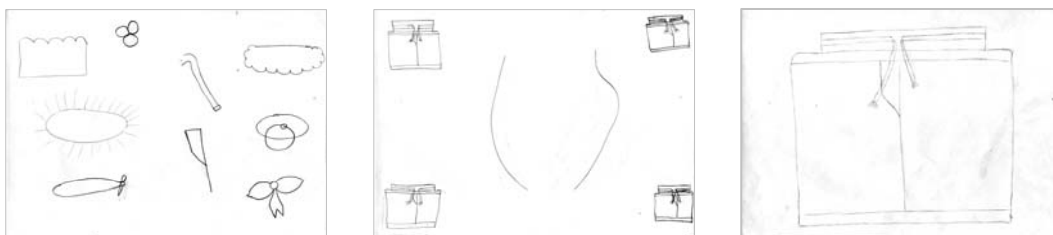


Figura 50 Tema gerador FILHOS. Pré-projetos 1, 2 e 3.

Elissandra chamou para escolhermos um dos três para ampliar. Falei que o primeiro estava muito desorganizado, confuso, cheio. Deixei que ela escolhesse entre os outros dois (fig. 50 e 51). Ela optou pela saínia ampliada. Eu concordei.

É, eu adorei meu desenho! Sei lá é o que ela mais gosta de usar, a saia. (Elissandra).



Figura 51 Tema gerador FILHOS – projeto Elissandra

Essa frase manifesta a sua satisfação com o resultado deste *tema gerador*. Desnuda, ainda, a íntima relação que ela tem com a única filha, portanto mais prazeroso foi trabalhar com os referenciais que escolhera. Satisfez-se com a cor que escolhera contando com minha interferência para os ajustes.

7.2.3 Tema Gerador: FAMÍLIA

Este *tema gerador* foi escolhido porque permeou os diálogos acerca dos temas casa e filhos. Em torno dos debates este *tema gerador* se revelou fator de fundamental importância para as mulheres pesquisadas/pesquisadoras, pois as relações familiares interferem e sofrem interferência das delas. As falas são reveladoras dos pensamentos e sentimentos em relação a ela. As ações cotidianas também denotam isso.

Para Elissandra, a família possui exacerbada importância, visto que as faltas aos encontros ocorreram em função dela. Um dia foi ver a avó, outro foi ver a irmã, noutra recebeu visita dela... A própria relação com a sogra que mora em frente é extremamente harmoniosa.

Para este *tema gerador*, definimos enfocar as três gerações, portanto ela representaria algo referente aos avós, algo relacionado a casa e algo referente à filha.

Para tanto ela decidiu representar a bengala usada pela avó, a sua cama de casal representando o casal e alguns brinquedos da filha (fig. 52) enfocando as três gerações de sua família.

Estes desenhos, no entanto, só os vi na análise de processofólio, pois esta pesquisada/pesquisadora não veio aos encontros seguintes, portanto não concluiu o trabalho acerca deste *tema gerador*.

Na semana seguinte, que fora reservada para a estampagem de um dos projetos criados, ela manifestou interesse em executar o projeto da saia. Contudo não retornou para fazê-lo.

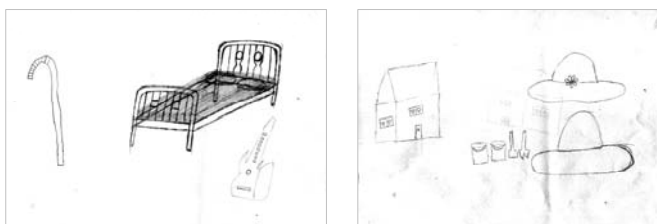


Figura 52 Bengala, cama de casal e brinquedos

Esta mulher pesquisada/pesquisadora esteve presente no dia da exposição dos trabalhos à

comunidade e para a análise de processofólio, no qual apresentou clareza de entendimento do processo de trabalho, expresso pela facilidade de comunicar verbalmente seu pensamento. No entanto, também percebeu seu processo de criação e os resultados que foram prejudicados pela deficiência na participação aos encontros.

7.3. Mulher pesquisada/pesquisadora: MARLETE (37 anos)

Esta pesquisada/pesquisadora também participou pela primeira vez de um trabalho que eu propus. Contudo, havia iniciado a oficina de carimbo, em dezembro de 2003, tendo que abandoná-la em função do deslocamento para o interior de Agudo para a colheita do fumo. Fator que a fez iniciar este trabalho no terceiro encontro por ocasião do seu retorno ao lar. No entanto, ela havia tido alguma experiência com pintura de pano de prato.

Das cinco pesquisadas/pesquisadoras é a mãe que possui o maior número de filhos: três. (anexo F) Os dois meninos mais velhos participaram do projeto realizado por mim com as crianças, de 1999 a 2002, no centro comunitário da vila Cerrito.

Marlete, que às vezes fala bastante, outras menos, revelou-se liderança quando da execução da ação relativa ao tema gerador casa. Tomou a frente para organizar um grupo de mulheres que foram até a Secretaria de Município de Habitação e lá tomou frente às discussões.

7.3.1 Tema Gerador: CASA

A partir de fotos de casa da Vila Cerrito, misturadas à memória da própria casa, esta mulher pesquisada/pesquisadora fez dois desenhos (fig. 53), dos quais passou a extrair elementos para compor seu pré-projeto.



Figura 53 Desenhos de casas, Marlete.

A cerca de taquara, encontrada com freqüência na comunidade, tomou forma nos desenhos e tornou-se barrado, formado por listras nas laterais do

pré-projeto (fig. 54). As outras laterais perpendiculares foram compostas por uma linha a qual ela denominou “as graminhas”. Conversamos sobre a continuidade, ao que ela acrescentou sem muita certeza:

Acho que vai janela o fazê outra coisa. (Marlete)

Assim acrescentou três formas da janela próximas ao barrado e não satisfeita acrescentou:

Tô fazendo uma flor no meio do tapete para não deixá do lado lá solita. (Marlete)

Falei que não seria necessário se ela não quisesse. Mas ela já decidira.

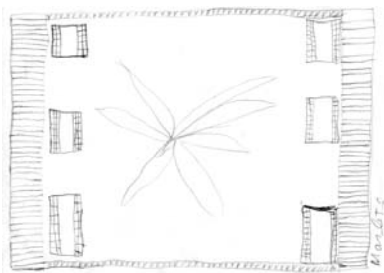


Figura 54 Tema gerador CASA - pré-projeto- Marlete.

E por fim ao terminar esse processo que fora um tanto tortuoso, orientei-a a desenhar sua casa de observação, no final de semana. Ela apareceu na terça-feira com ricos trabalhos feitos a partir da observação de dois lados da própria casa. A riqueza da cerca continuou obtendo destaque e foram acrescentadas flores e plantas cultivadas ao redor da casa. Contudo, concordamos que ela ampliaria o único pré-projeto que fizera.

A Marlete ampliou a forma da janela que repetiu três vezes de cada lado. Fizemos marcas centralizando para localização nas laterais de maneira a ficarem uniformes.

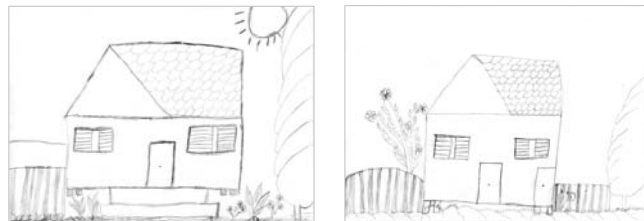


Figura 55 Casas, Marlete II

A Marlete apresentou um certo tremor nas mãos. Porque é fumante; disseram as colegas que o fator dificulta que ela consiga fazer linhas retas.

Esse fator que contribuiu para que seu processo prático fosse mais lento a fez exclamar algumas vezes:

Eu já cansei minha cabeça, vô dexá assim mesmo. (...) Que tortura. (Marlete)

Estas palavras denunciam, também aqui, a “Tensão psíquica”, provocada pelo processo de criação, se revelando mais forte nos momentos que a Marlete encontra dificuldade de configurar suas formas.

Todavia, sua reclamação era no sentido da necessidade que sentia de superar-se, de adquirir maior domínio dos movimentos manuais.

Este, contudo, foi o momento que propiciou um ato de solidariedade. A Denise, que já havia concluído o seu trabalho, ofereceu-se para ajudá-la na repetição das janelas que eu ampliara para o projeto. Dessa forma, fazendo juntas, ela se animou para terminar seu trabalho.

As mulheres pesquisadas/pesquisadoras ainda ficaram com a responsabilidade de pensar nas cores que vão pintar o projeto no dia seguinte.

Escolhida e preparada a cor de fundo, passamos o rolinho no centro de azul impedindo a tinta de aderir nas listas externas com uma máscara de jornal. Da mesma forma fizemos máscaras para que a tinta bege não avançasse sobre o azul no centro (fig. 57).

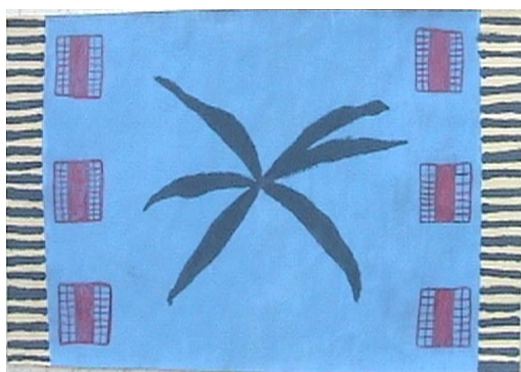


Figura 57 Tema gerador CASA – projeto, Marlete.



Figura 56 Tema gerador CASA – tapete, Marlete.

Para trabalhar as formas repetidas da janela ela usou lápis de cor, pois eram linhas muito finas para usar pincel. Para escolher a cor mais adequada, testou em um pedaço de papel que continha a mesma cor do fundo.

Por fim, juntas examinamos seu projeto para analisarmos e escolhermos a última cor. Ela pensou em azul, então eu sugeri que fosse azul bem forte. E definimos que a mesma cor seria empregada nas listras laterais e também na flor. Suas pinceladas revelam a condição motora que dá um toque peculiar ao projeto.

Não cabe aqui analisar se por esse motivo o projeto ganhou ou perdeu valor estético, mas sim que, enquanto pesquisada/pesquisadora, ela perseguia um contorno mais limpo para suas formas. Contudo, apesar da ressalva, ela agradeceu-se do resultado, o que contribuiu para a elevação da auto-estima e confiança intuitiva de que a perseverança a faria superar-se, revelada na fala a seguir:

Depois vou fazê desenho de arte nas tábuas. Por que não, quando eu aprendê bem? (Marlete)

ESTAMPAGEM

Este foi o projeto escolhido para a estampagem artesanal. Tivemos que inverter as cores, pois o suporte têxtil era mais escuro que o projeto (fig. 56), então em lugar do azul escuro usamos azul claro. Eu orientei diretamente todo este processo. Para o barrado foi feita a ampliação com base em escala métrica depois de recortado o molde vazado em papel. A flor foi ampliada “a olho” e depois recortado o molde pela própria pesquisada/pesquisadora.

Este foi o único tapete estampado em que usamos a serigrafia artesanal com matriz de goma laca. Este processo foi a grande novidade para as mulheres pesquisadas/pesquisadoras e também houve a participação coletiva. A Denise e eu ajudamos a fazer a matriz e a imprimir no suporte. Porém o desenho ampliado da forma da janela foi feito pela Marlete.

O acabamento foi em crochê, foi coletivo e autônomo, feito sem minha presença. Juntas as mulheres encontraram a linha mais adequada, a Rosângela ensinou a fazer o crochê e, ainda, a sogra da Elissandra ajudou a Marlete a concluí-lo. Grata foi minha surpresa ao vê-lo pronto.

Podemos perceber no processo criativo da Marlete a essência da pesquisa participante, que é a motivação de seus integrantes em assumirem suas experiências cotidianas de vida e de trabalho como fonte de ação e reflexão. Em um desses processos, a consciência e conhecimento das mulheres foram sendo construídos.

À medida que as mulheres pesquisadas/pesquisadoras foram participando de todos os momentos do processo de trabalho, foram-se estabelecendo experiências de cooperação e colaboração, aumentando suas experiências democráticas e restabelecendo suas identidades de mulheres/sujeitos capazes de aprender a conhecer e a fazer, a conviver melhor e a ser mais no mundo; processo este que se desenvolveu mediado por suas experiências criativas e por mim enquanto pesquisadora/educadora.

7.3.2 Tema Gerador: FILHOS



Figura 58 Marlete desenhando.

Fotos? Eu não trouxe foto! Eu trouxe brinquedo, boneca, carrinho, homezinho... (Marlete)

Com essa fala Marlete começa o trabalho e expõe os brinquedos que trouxe para representar cada um dos filhos (fig. 58).

Quando falei que teriam que desenhar os objetos:

Não, não eu imaginei! Tu acha que não? Digo a Mari vai fazer nós desenhá o que nós levá hoje. (...) Capaiz que eu não imaginei... na minha cabeça? (Marlete)

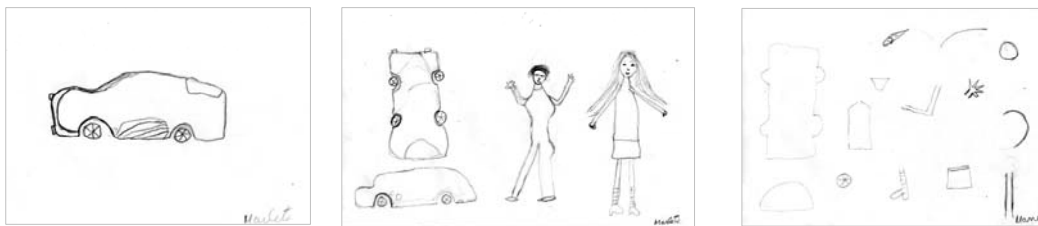


Figura 59 Desenhos de brinquedos, Marlete.

Este trecho denota que o processo de trabalho tornara-se mais familiar, a ponto de as mulheres arriscarem previsões acerca do que iriam fazer. Neste caso a Marlete, tendo por base a experiência adquirida no trabalho anterior, imaginou, relacionando elementos do real. Deste modo, na forma de fantasia pôde projetar o que faria antecipadamente e assim, conscientemente pôde escolher os objetos que julgou mais adequados ao fim proposto: a representação através do desenho.

Para este *tema gerador*, cada uma das pesquisadas/pesquisadoras decidiu fazer um tipo de tapete diferente.

Bera da pia, eu quero um. (Marlete)

Que tamanho?

Ah, eu não entendo de tamanho, ah 1,10 m. acho. (Marlete)

Tem que ver se dá na largura da pia.

Ah não pode ser menor. (Marlete)

Vimos que tem pia de 1,20 metros e 80 centímetros. Ela optou por 1,20 m. de comprimento e largura igual a da pia, 60 cm. Assim encontramos o tamanho do seu tapete. Então ela deu continuidade ao seu processo de criação, desenhando os brinquedos a partir da observação:

Da boneca... faz a forma da porpa depois tu desce pra perna. (Denise)

Tá mais ... (Marlete)

Conforme tá ali. (Denise)

Aqui a “tensão psíquica” foi amenizada pela colaboração da Denise.

O primeiro pré-projeto ficou confuso, uma série de elementos espalhados no centro, cercados por um barrado fechado, por bolas ao redor. (fig. 60)

Sugeri a Marlete que fizesse mais dois pré-projetos. Sugeri que ela trabalhasse com a forma do carrinho que estava bastante rica, justamente

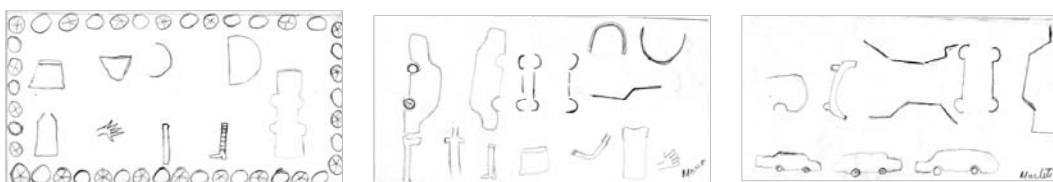


Figura 60 Tema gerador FILHOS – pré-projetos, Marlete

por ela não copiá-lo como gostaria de tê-lo feito.

Para a Marlete, que rapidamente solucionou o projeto do tema *casa*, ficou mais difícil de fazer este. Seus pré-projetos ficaram bastante confusos e ela mesma não soube escolher qual deles ampliaria. Ajudei-a nessa escolha interferindo diretamente com sugestões.

Sugeri um pré-projeto (fig. 62) e orientei a Marlete a reproduzir o carrinho e medimos – um bem na metade do projeto:

Metade de trinta?

Quinze. (Marlete)

Então faz um pontinho.

Para cada projeto que fizemos diminuimos em escala para que o projeto fosse proporcional. Falei que elas deveriam ter a atenção em que as formas dos pré-projetos para o projeto se ampliam proporcionalmente, assim como do projeto para o tapete de fato.

Oia, minha medição aí! Ondé é que tá a trena? (Marlete)

Houve momentos em que precisamos fazer contas pra que pudéssemos cortar papel para pré-projeto e projeto, de forma a ficarem proporcionais às medidas do tapete a ser confeccionado.

Esta foi uma das partes do processo mais difíceis para as mulheres pesquisadas/pesquisadoras. Eu ajudei em todas as vezes que foi preciso medir, diminuir ou aumentar, considerando escala métrica.

A esse respeito, cabe evidenciarmos que, visto que nossa proposta é a criação de projetos aplicáveis a tapetes com base na linguagem do design de estamparia, foi necessário considerarmos o produto final. Portanto foi necessário que as mulheres pesquisadas/pesquisadoras pensassem seus projetos entendendo-os como projetos elaborados com estrutura e forma adequados ao produto tapete, considerando o processo de produção, neste caso, a estamparia artesanal.

Compreender, também, que o projeto, além de favorecer a adequação da atividade criativa à sua materialidade, pode ser produzido em série, ainda que de forma artesanal. Sobre este aspecto Ostrower nos diz que: “Não só a ação do indivíduo é condicionada pelo meio social, como também as possíveis formas a serem criadas têm que vir ao encontro de conhecimentos existentes, de possíveis técnicas ou tecnologias, respondendo a necessidades sociais e a aspirações culturais” (1999, p. 40).

Para compor com as formas lineares, orientei a desenhá-las em

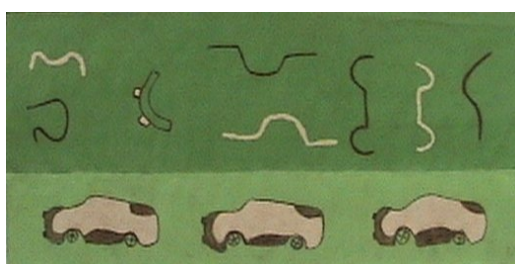


Figura 61 Tema gerador FILHOS –projeto, Marlete

papéis para organizá-las melhor no espaço. Para a pintura do projeto, sugeri que Marlete fizesse uma lista para separar com cor as formas do carrinho das formas extraídas do carrinho que ela chamou de peças.

A Marlete escolheu o verde

que usou em duas tonalidades. Analisamos que o barrado foi composto pelas formas do carrinho que são chapadas e o corpo do projeto pelas formas lineares. Sugeri que jogasse com cores para equilibrar. Ela escolheu marrom e bege.

No final, quando analisamos todos os trabalhos concluídos, ao que esta mulher pesquisada/pesquisadora exclamou exultante:

Eu achei maravilhoso o meu que eu nunca tinha desenhado um carrinho. É o mais que o Tchula gosta! Tem 13 anos mas ele...
(Marlete)

Perguntei como se sentiu tendo criado um projeto?

Mai muito facera, acho que até nem vô pisá em cima. (Marlete)

Estas falas expressam com clareza a elevação da auto-estima provocada pela descoberta da capacidade de criar, especialmente partindo dali mesmo do lugar no mundo que ocupa, valorizando sua cultura e suas vivências.

7.3.3 Tema gerador: SAÚDE

Este tema foi abordado em vários momentos pela Marlete. Quando o tema gerador casa foi escolhido, primeiramente ela queria saúde:

Não. Eu vou com a saúde, (...) Saúde é mais importante, posto de saúde, saúde pra todos. (Marlete)

Na dinâmica, falar de si, no item: qual seu maior sonho, escrevera:

Ficar bem de vida e de saúde. (Marlete)

Ao refletirmos sobre o *tema gerador* FILHOS várias vezes ela abordou a saúde e os cuidados com ela. Apontou a necessidade de um posto de saúde na comunidade.

É certo, precisamos lembrar aqui que esta pesquisada/pesquisadora se ocupa disso no seu cotidiano com os cuidados que deve dedicar a sua filha, e que semanalmente ela e a menina tem que se deslocar “até” a cidade para o acompanhamento médico a que esta é submetida.

Pegar o ônibus, gastar passagem, adquirir remédios.... estes fatores têm um determinado peso em sua realidade. E desta realidade que saem os *temas geradores* para todo o nosso processo criativo. “Toda a atividade humana está inserida em uma realidade social, cujas carências e cujos recursos materiais e espirituais constituem o contexto de vida para o indivíduo” (Ostrower, 1999, p. 43). São estes aspectos que a motivam a agir.

Definimos que ela desenharia em casa coisas que usa para a saúde: chás caseiros e remédios farmacêuticos. No dia seguinte, esta mulher chegou trazendo em mãos o que eu chamei de “pérolas”. Se até esse momento havia alguma dúvida quanto ao entendimento de seu papel de pesquisada/pesquisadora, as três folhas de papel sulfite A4 que havia levado em branco no dia anterior não deixavam dúvida. As folhas estavam repletas de minuciosos desenhos com indicação por escrito. Em uma das folhas (fig. 64) estão representados: o aparelho de pressão, xarope biotônico, pomada, termômetro, seringa, envelopes de pílulas, além de outros. São representações que desvelam o conteúdo de sua farmácia em casa.

Nas folhas seguintes, uma destacava-se pela quantidade de informações contidas (fig. 62). Era a ilustração identificada de 12 espécies



Figura 62 Desenhos: remédios e chás. Marlete.

de chás. Eu que tenho algum conhecimento sobre essas plantas, devido à minha mãe, que é pesquisadora, ter editado um livro nessa área de conhecimento, e pude identificar aí, não só a riqueza formal, mas uma grande fonte de conhecimento, também chamada de sabedoria popular.

Perguntei se ela possuía e/ou fazia uso destes chás. Logo ela começou a descrevê-los, tipos e funções incluindo as experiências pessoais. Veja o relato a seguir:

*Éndro... é igual, tipo um funcho. (...) Pa febre é ... casera.
Meu pé de cidreira. Que eu tomo muito mate com cidreira.
(Marlete)*

Pessegueiro para vômito?

*Ai! Uma vez eu tomei um chá disso aí. Jesus!!! Nunca mais quis tomá, se tu tá com o estômago... tá impedrado uma coisa que fez mal, tu faz um chá de pesseguero e toma. (...) mais se tu não vomita as tripa também... se tem alguma coisa parada no estômago sai tudo mesmo, se tem, se a comida fez mal.
(Marlete)*

A última folha continha alguns chás repetidos ou folhas ampliadas. Orientei a fazer três pré-projetos.

Como tu faria um tapete quadrado com esses... lembrando que tu tem elementos aqui muito bons. Como tu imaginas? Tem chás, tem remédios, comprimidos. Como tu quer colocar?

Mas ela não estava conseguindo, sozinha, visualizar e extrair elementos dos desenhos que fizera.

Tá e agora? Eu vô tirá das flor agora ou outro? (Marlete)

Escolhe uma ou duas e faz um com elas. Funcho, marcela, guaco... Imagina teu próximo. Dá pra ti trabalhar com a estrutura dos comprimidos grandes e aí trabalhar com outros elementos aqui. Ai tu reproduz ele desse tamanho pra bota aqui depois. (...) Muito grande!

Demais. É eu achei. (Marlete)

Acompanhei interferindo diretamente em todo esse processo de criação da Marlete que poderia ser definido por ela como “as torturas da criação”. Veja o diálogo a seguir:



Figura 63
Pré-
projetos
SAÚDE

Mas o resultado do trabalho de vocês não tá bom?

Tá bom. (Denise)

Tá, mais a cabeça é fraca acho. (...) Claro! Como que a gente consegue fazê de barbada, depois não consegue! (Marlete)

A bolsa não tá... a bolsa não tá exatamente a mesma bolsa. A gente faz um desenho bem simples, depois não consegue repeti a mesma coisa, né. Pôs como é que pode. (Marlete)

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; (...) é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. (Ostrower, 1999, p. 28)

Neste momento, para Marlete, o processo de criação esbarra no limite de sua habilidade para aquele momento. Este fato evidencia que aprender como fazer, assim como o conhecimento não se transferem prontos, são construídos e se estruturam enriquecendo-se no processo de ação e reflexão. Este processo de conflito provoca um crescimento que para cada indivíduo tem um tempo. Para Ostrower “... qualquer processo criativo, produtivo, teria que supor um estado de tensão psíquica, uma vez

que não há crescimento sem conflito – o conflito é condição de crescimento.” (idem, p. 28)

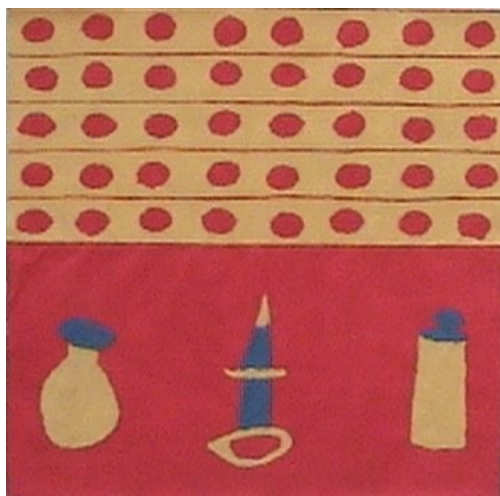


Figura 64 Tema gerador SAÚDE –projeto.

Elas gostariam de repetir o próprio desenho igual ou reproduzir o que vêem, ou o que imaginam com exatidão, com linhas mais precisas. Expliquei que isso requer treino.

Optamos unanimemente pela ampliação do pré-projeto que partiu dos remédios farmacêuticos, pela riqueza da composição e porque seria de mais fácil execução. (fig.

63) Recortado o papel, orientei a medir e trocar as linhas e com um carbono reproduziu os círculos das cápsulas. Os outros três elementos foram desenhados em papéis separados para serem passados, mantendo o equilíbrio de espaço (fig. 64).

A Marlete escolheu o vermelho, o amarelo e o azul como cores. Os círculos foram pintados a partir de uma máscara recortada em papel para facilitar.

7.4 Mulher pesquisada/pesquisadora: ROSÂNGELA (26 anos)

A Rosângela também não havia trabalhado comigo antes. Eu a conhecia das reuniões da pesagem feitas pela Pastoral da Criança nas quais ela levava seus dois filhos.

Mulher dinâmica e ativa faz salgadinho e assessórios de crochê para vender. Não gostava de desenhar e, por tal motivo, quase desistiu. Por persistência resolveu continuar, seguiu até o fim e gostou de desenhar.

Mãe dedicada, das pesquisadas/pesquisadoras a que mora mais longe (Anexo G), só participou do trabalho porque podia trazer as crianças. Possui raciocínio rápido e tem muita vontade.

7.4.1 Tema Gerador: CASA

Mesmo tendo dito que não gostava de desenhar e a essa altura mais confiante em si, esta mulher pesquisada/pesquisadora rapidamente pegou algumas fotos da vila e se pôs a desenhar. Logo preencheu duas folhas com o que podemos chamar de retrato da Vila Cerrito: casinhas, árvores e varal de roupa (fig. 65).



Figura 65 Desenhos de casas, Rosângela.

*Eu errei aqui e fiz como
qui dava pra não parecê
que era um erro, ó. Vô
deixá assim.
(Rosângela)*

*Pra quem não
desenhava tu
desenhou muito bem,
viu?*

*Têm que desenhá os poste. Agora nós temo luz. Antigamente a
gente não tinha luz. (Rosângela)*

Esse diálogo apresenta a preocupação com o erro e o conceito que as mulheres pesquisadas/pesquisadoras têm do que é o erro no desenho.

Logo a Rosângela começa a desenhar a partir da observação das fotos representativas da vila e começa a desvelar as mudanças que ocorreram, comparando o presente ao passado.

*... tinha uma casinha, um poste, uma árvore... fazê aqui igual
que eu sonhei. (Rosângela)*

Sonhei que eu tava dando uma aula e que estava explicando linha e que usava vários tipos de linha, de lã, fio de telefone. (...) Então tu faz como tu sonhou.

Eu vô fazê igualzinho o sonho. (Rosângela)

Orientei-a a diminuir a casa pois era só para simular o tapete.

Em roda do tapete era tudo casa e árvore. No meio depois tinha uma casa de novo... e umas flor né. Ma ele não vai ficá igual do meu sonho! Do meu sonho tava... (Rosângela)

E as cores tu te lembra?

É que eu fiquei onti a tarde intera pensando no nosso tapete né! Aí chegô a noite eu fui deitá e sonhei com o tapete. (Rosângela)

Eu falei para elas que isso é interessante. Falei que aquele jeito de explicar sobre o elemento linha usando linha de lã, eu havia sonhado, quando preparava o projeto.

Este fato não pode aqui, deixar de ser considerado, visto que influenciou o processo de criação da Rosângela. Na casa, no sonho, foi uma resposta que refletia ordenações sensíveis desta mulher pesquisada/pesquisadora. Sua estrutura psíquica influenciou a resposta diante do que para ela era um grande desafio. Para Ostrower, a sensibilidade é porta de entrada das sensações, representando abertura ao mundo e ligando ao que acontece em torno de nós. “Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. A ela pertencem as reações

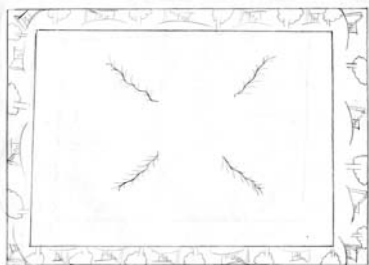


Figura 66 Tema gerador CASA
– pré-projeto, Rosângela

involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de auto-regulagem. Uma outra parte, porém, também participando do sensório, chega ao nosso consciente”. (1999, p. 12)

Esses fatores influenciam os acasos,

que são por nós percebidos em ordenações, e os sonhos. Jung diz que parte do inconsciente consiste de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos que influenciam nosso consciente. “Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão”. (sd, p. 20) De forma que esta mulher pesquisada/pesquisadora saturou a mente com idéias geradas pela expectativa de como seria este tapete que no dia seguinte construiria.

Acontece, pois, que ao dormir e relaxar, deu lugar ao inconsciente, que se encarregou de ordenar e selecionar todas as imagens referenciais que sua mente dispunha como uma resposta a sua expectativa quanto à elaboração do tapete. É um processo semelhante ao do *insight*.

Ficô muito bunito! Esse aí que tu tá fazendo ficô muito bunito! O sonho valeu a pena. (Denise)

Quando tu tem um tapete com uma grande riqueza como tu tens aqui, não necessariamente precisa ter algo no meio. Que que tinha no teu do teu sonho?

Tinha bastante verde e flor só. (Rosângela)

Então faz como tu sonhou.

Todo florido. (Rosângela)

Que tipo de flor?

Eram bunita. Essas florzinha que a gente desenha. É porque eu vi os carimbos de vocês aquele dia e fiquei pensando neles. (Rosângela)

Com seu olhar escrutinador ela havia investigado os carimbos e a cortina estampada com eles na oficina de carimbo. Essas imagens ficaram gravadas em sua memória como imagens referenciais.

Como tarefa para casa, orientei-a a desenhar flores, folhagens e ramos, que tem em casa ou que encontrasse na vila, para usar no tapete. Tendo dito isso ela imediatamente passou a verbalizar o que imaginava:

Da pra colocá um raminho aqui, olha, aqui... uns raminho de samambaia. O que eu tenho mais lá em casa é samambaia mesmo. (Rosângela)

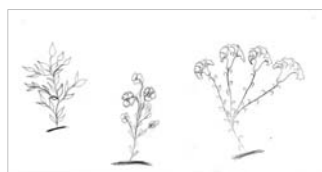
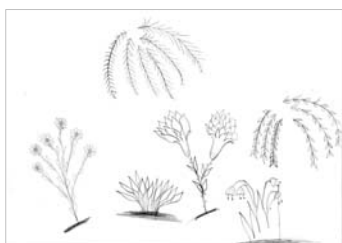


Figura 67 Flores e folhagens, Rosângela.

A Rosângela faltou no dia seguinte, então quando veio tratou logo de apressar-se para ampliar o

projeto do sonho dela. Escolhemos, pensando juntas, quais das flores e folhagens colocaríamos das várias que desenhou em casa. (fig. 67) Optamos por colocar dois diferentes ramos de samambaia (fig. 68) repetidos com o barrado das casas.

Para que organizasse a forma da casinha e árvore no barrado, orientei-a a reproduzir várias casinhas em quadrados de papel para que ela mesma verificasse qual a ordem e distância ficariam mais apropriadas. Sempre questionei para que ela mesma definisse. Também medimos os raminhos para vermos quantos seriam necessários e em que distância seriam dispostos. Sempre considerando que ela estava fazendo um projeto que poderia ser reproduzido em série.

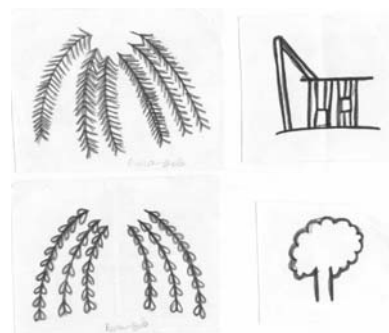


Figura 68 Formas – Rosângela.

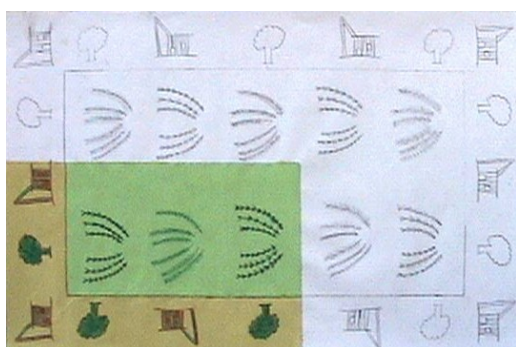


Figura 69 Tema gerador CASA – projeto, Rosângela

A riqueza apresentada pela variedade de formas criadas a partir da observação enriquece a percepção das coisas do próprio cotidiano e desmanchando as idéias-formas estereotipadas, mantidas pela repetição mecânica.

O projeto final (fig. 69) apresenta uma riqueza de detalhes salientados pela repetição de formas. A linearidade das formas conseguidas pela recém descoberta habilidade motora e uma incansável vontade de ver sua obra pronta. Escolheu as cores, misturou-as e teve minha participação para os ajustes.

7.4.2 Tema Gerador: FILHOS

Neste dia ela terminou o tapete da casa, pois não viera no encontro anterior.

Eu procurei uma coisinha que tinha guardado. A Jenifer e o Guilherme. Eu não consegui desenhá nada até agora, Mari.
(Rosângela)

Orientei que ela fosse dar uma volta e olhasse para os filhos que estavam brincando lá fora.

Hein Mari, tem que fazê um tapete aparecendo criança?
(Rosângela)

Expliquei que não. (Eis os impasses da criação como estes). Há momentos em que realmente tranca tudo. “Não consegui encontrar a coisinha que tinha guardado; não consegui desenhar nada”. Ela tinha



Figura 70 Tema gerador FILHOS – objetos referenciais 1, 2 e 3, Rosangela.

todas as dúvidas quanto ao que fazer. Nessas horas melhor parar e recomeçar depois. Foi o que fizemos.

No dia seguinte, a Rosângela trazendo brinquedos das crianças logo deslanchou no desenho. Estes objetos, que possuem significância afetiva para ela, pela relação com as crianças, apresentam também uma variedade cultural muito pertinente a esse estudo. O caminhãozinho (fig. 70 1), brinquedo comum entre os meninos e a “guaiaca” de gaúcho, que a mãe guarda com carinho, pois não serve mais. Contudo, lembra, ele adorava, tinha também a bombachinha e a bota completando a pilcha.

Esses elementos extremamente regionais, pertencentes a nossa cultura gaúcha, aparecem lado a lado a elementos da cultura mundial: o chaveiro das ‘meninas superpoderosas’ e o boneco ‘dragonball’ que reproduzem o personagem de desenho animado (fig. 70 2).

Este fato exemplifica a questão da mundialização da cultura. Personagens de desenho animado produzido no Japão e Estados Unidos entram em todas as casas, via televisão e vão formando o que Ortiz chama de memória internacional popular. Aquele brinquedo pode ser reconhecido em qualquer lugar do mundo onde o desenho animado foi veiculado. O boneco ‘dragonball’ foi trazido junto à “guaiaca” e outros elementos como referencial significativo para esta mulher pesquisada/pesquisadora, por serem objetos de valor para seu filho. Ela os apresentou sem a menor menção de distingui-los, ou seja, no seu contexto eles apresentam igual valor.

Fica evidenciado no exemplo que cultura mundial e cultura local convivem juntas, lado a lado. Não discutimos o ato e sequer fiz menção do observado, pois não era o objetivo maior do trabalho com as mulheres. Contudo é pertinente apontá-lo aqui, neste momento de análises, dada a relevância que tem o contexto cultural para esta pesquisa.

Aparecem ainda as “piranhas de cabelo” com a reprodução da borboleta e o mordedor (fig. 72 3), que é a “coisinha” que ela, mulher

pesquisada/pesquisadora e mãe, tinha guardado. Este tem valor especial: os dois, o Guilherme e a Jenifer, usaram quando bebês.

Tendo escolhido fazer uma passadeira para cozinha, logo ficaram

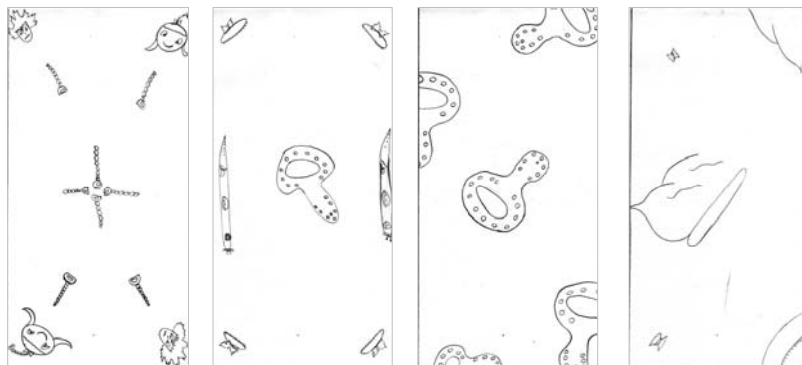


Figura 71 Tema gerador FILHOS – pré-projetos 1, 2, 3 e 4, Rosângela.

prontos dois pré-projetos empregando todos os elementos que desenhara inteiros ou em partes (fig71).

Resolvi interferir acrescentando dados para seu processo de criação. Recortei uma pequena janela em uma folha e ensinei-a a tirar proveito de partes, cortes, aproveitando a riqueza de seus referenciais para uma nova maneira de compor. Desta sugestão ela criou um pré-projeto somente com a forma do mordedor e, pesquisadora, quis fazer mais um a partir da piranha de cabelo (fig71 4)

Para ampliar, conjuntamente escolhemos o pré-projeto do mordedor. Ela ampliou as formas “a olho” e eu fui apontando para que ela ficasse atenta ao equilíbrio do espaço.

Agora tu vai escolher a cor da tinta que tu vai pintar.

*O mordedor eu quero pintá da mesma cor que ele é.
(Rosângela)*

E o fundo?

O fundo... (Rosângela)

Aqui se repete a tendência a querer reproduzir a cor do objeto natural, a cor da casa, a cor do mordedor...

Seu domínio motor se revelou também na pintura onde apresentou relativa facilidade e manuseio do pincel.

Adorei porque é uma lembrança que eu tenho dos dois quando foram nenê, né! Tá aqui desenhado e pintado. (...) vô guardá! Colocá na parede. (...) Adorei. Eu guardaria acho ele. Usaria só quando chegasse visita. Ah o meu tapete, só pra mostrá.
(Rosângela)



Figura 72 Tema gerador FILHOS – projeto, Rosângela.



Figura 73 Tema gerador FILHOS – tapete, Rosângela.

Estas falas evidenciam a euforia desta mulher pesquisada/ pesquisadora em ter construído este projeto. Sua satisfação se dá, também, pela percepção de que foi capaz de plasmar, no tapete, neste

caso, um objeto que possui um certo valor agregando mais valor ainda por ela tê-lo feito.

Ela continua a análise do seu processo, pontuando sobre sua própria mudança quanto ao gostar de desenhar e os fatores que provocaram esta mudança:

Eu não gostava desde tempo de colégio, nunca gostava. Eu disse ‘eu nunca gostei de pintá nem de desenhá. Agora eu gostei. Adorei. Adorei pintá e desenhá assim. É mais divertido. Não é

aquela coisa, ah! desenha isso e ponto. (...) Eu acho que é por causa da conversa. (Rosângela)

Podemos perceber também que, para a Rosângela, o processo de reflexão-conscientização-ação colaborou para seu processo de criação dos tapetes. No sentido em que o diálogo favorecedor de situações de aprendizagens múltiplas colaborou para a expansão do seu processo criativo.

A utilização de *temas geradores* significativos propiciou que ela selecionasse referenciais dotados de valores afetivos. Envolvida por sentimentos e emoções ela pode desligar o foco da idéia-fixa, do trauma quanto ao desenho. A vontade fê-la superar-se numa transferência entre si e o próprio fazer. “Formando a matéria, ordenando-a, configurando-a, dominando-a, também o homem vem a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e a ampliar sua consciência nesse processo dinâmico em que recria suas potencialidades essenciais”. (Ostrower, 1999, p. 53)

Se a Mari vem aqui ensina a pintá como ta insinando aqui. Se ela só dá as tinta e sai e dexá nós solita aqui! Botemo as tinta. Só pegá lá, já era. (Marlete)
Quem é que vai explicá com que cor. (Rosângela)

Aqui ficou evidente a percepção da importância dada a mim, como mediadora de conhecimento e informações. Não se vêem ainda capazes de executar sozinhas este trabalho, ainda que eu esteja somente discutindo, provocando, informando...

Coloquei para as mulheres pesquisadas/pesquisadoras que iriam fazer mais um projeto com um outro *tema gerador* e que após todos concluídos iríamos escolher um para imprimir, para executar no tapete.

Isso qué dizê que a gente não vai fazê os três no pano, ou os dois esse e aquele no pano? (Rosângela)

Esta pergunta afirmação deixou transparecer toda a inquietude das mulheres e o quanto elas estavam ansiosas e curiosas para verem seus projetos efetivados em tapetes, ainda que não fizessem idéia de como.

ESTAMPAGEM:

Para estampagem, a Rosângela gostaria de ter executado o projeto da casa. Entretanto, dada à técnica que dispúnhamos para impressão, não foi possível ou perderia muito na qualidade. Portanto, o projeto mais apropriado e do qual ela também gostou sobremaneira foi a passadeira do mordedor (fig. 74).

Rosângela ampliou manualmente as formas do mordedor em papéis grandes e levou para casa junto com o estilete para recortá-las. Voltou no dia seguinte com todos recortados de forma correta, mesmo que até esse momento não sabia ainda como seria a impressão.



Figura 74 Estampagem do tapete – Rosângela.

Escolhemos o suporte de cor mais aproximada dos quais dispúnhamos. Foi preciso adequação nas cores que foram transferidas via molde vazado para o tecido esticado com fitas em uma mesa. Esta mulher demonstrou destreza no efetuar essa tarefa, conseguindo distinguir quando estava bem pintado ou não, pelo rolinho de tinta, tendo sido

capaz de atingir um bom resultado técnico.

O acabamento eu havia visualizado desde o início do trabalho, quando ela relatou sua habilidade com o crochê. Após sugestão ela passou a pesquisar a melhor forma de fazê-lo e depois de definida ensinou às colegas.

7.4.3 Tema Gerador: ESTUDO

O estudo foi citado como uma forma de modificar a vida de seus filhos. Foi por várias vezes apontado como o diferencial, se eles tivessem estudo teriam uma vida diferente e assim almejavam para os filhos. A Rosângela, assim como a Elissandra, sonham que os filhos façam faculdade. Contudo, atualmente, apenas Rosângela se envolve com isso, levando as duas crianças para a escola. Preocupava-lhe o fato de que em março começariam as aulas e ela não poderia mais vir, pois tinha o compromisso de levá-los à escola.

Ela também manifestou o seu pesar em ter parado de estudar. Relatou que ao completar a terceira série sua mãe lhe dissera que não estudaria mais. Para poder continuar arrumou um trabalho: fazia faxina em uma casa num turno para poder estudar no outro e concluiu a quarta série, depois não conseguiu continuar.

Para representar este *tema gerador*, concluímos que seriam adequados os materiais escolares. Ela ficou, então, de desenhar os materiais escolares das crianças. Voltou no dia seguinte com suas três folhas preenchidas. O livro, o lápis de cor do “Gui”, e a régua, o lápis, o caderno e a borracha, e a cola, a tesoura e a pasta (fig. 75).

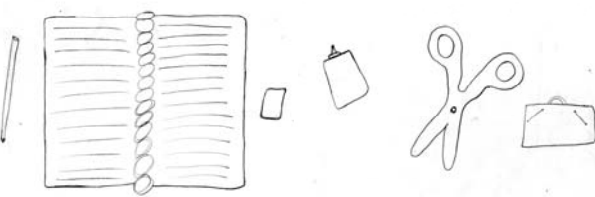


Figura 75 Desenhos de materiais escolares.

Com esses referenciais sugeri que empregasse alguns elementos inteiros, como os desenhara, pois já eram quase os próprios tapetes. Construiu o primeiro pré-projeto usando a caixa de

lápiz de cor na diagonal, outro usando somente a forma do caderno e o terceiro usando outros materiais escolares (fig. 76). Ao analisarmos para escolher um pré-projeto para ampliação questioneei: O que, necessariamente, representa estudo? A tesoura representa o estudo?

Optamos por manter a mesma estrutura e mudar a tesoura pelo caderno (fig. 76 4) e este foi transformado em projeto.

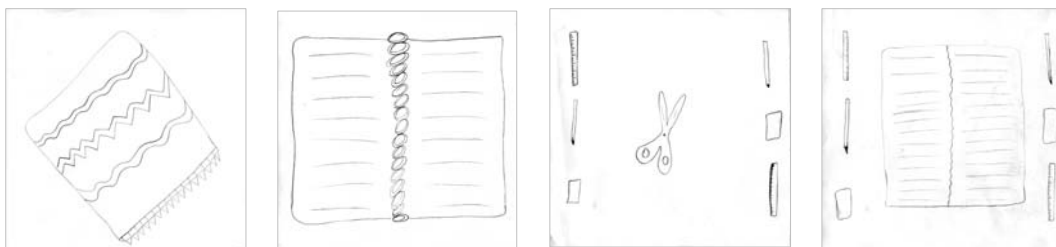


Figura 76 Tema gerador ESTUDO – pré-projetos 1, 2, 3 e 4 , Rosângela.

A Mari gosta que a gente desenhe, né. (Rosângela)

Não precisa fazer com a régua. Essa tua linha tá boa

Depois não vai ficá torto? (Rosângela)

É mais bonita essa tua linha.

Aqui continua a manifestação da retidão da linha como conceito de desenho certo. E o fato de não consegui-la como imaginou seja fator de desagrado.

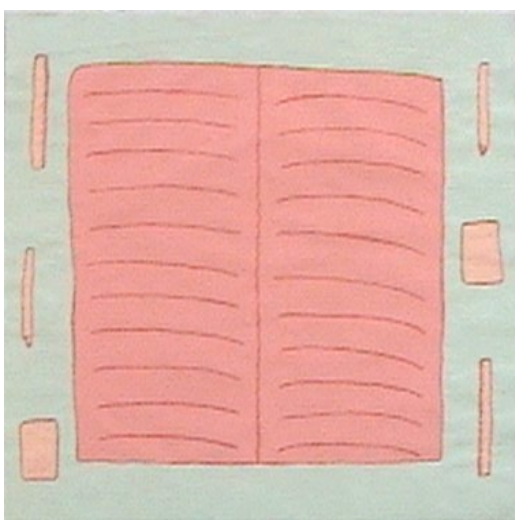


Figura 77 Tema gerador ESTUDO – projeto, Rosângela.

Aqui bate o nervosismo. Lá em casa a gente tá tranqüila. Não é Nise? (Rosângela)

Essa fala expressa que, ao mesmo tempo em que em outro momento a minha presença fora citada como imprescindível, sem a qual não conseguiriam fazer o trabalho autonomamente, ela também é uma presença exigente, que cobra; a ponto de em casa o trabalho ser mais tranqüilo

porque mais descompromissado.

Para as cores a pesquisada/pesquisadora escolheu o verde e o laranja. Ponderei que não poderia ser qualquer tom de verde e de laranja. Ela misturou, usou um tom de verde suave contrastando com três tons de laranja. (fig. 77)

7.5 Mulher pesquisada/pesquisadora: TEREZA (35 anos)

A trajetória desta mulher pesquisada/pesquisadora possui peculiaridades a serem analisadas.

Junto com a Marlete, chegara da colheita do fumo em Agudo, dois dias pós o início do meu estudo. Sentadas à sombra dos eucaliptos, convidei-a juntamente com a Marlete. Disse-me que não queria, acrescentando que ela não servia para fazer nada. Que era nervosa, as crianças só incomodavam, problemas, depressão... Disse-lhe que se decidisse seria bem vinda. Pouco depois de termos iniciado o trabalho ela foi chegando meio de lado: tentaria.

Veio a primeira vez, veio de novo e continuou. Muito espontânea, falou, participou, refletiu, criou...

O último trabalho, também, ela, assim como a Elissandra, não concluiu. Estava pronta para vir, eu a vira com a sua pastinha. Em meio a uma crise conjugal, deparara-se com a pseudo-rival com quem teve uma discussão. Acabou o seu dia. Mandara dizer que não viria, não estava com vontade. E não veio mais, exceto para ver as colegas estamparem seus tapetes, até as ajudara, mas não quis executar um dos seus.

De todo modo ela fez parte do processo coletivo e concordou em fazer a análise de processofólio.

7.5.1 Tema Gerador: CASA

Para este *tema gerador* a Tereza recolheu da mesa a fotografia de sua casa que trouxera e se pôs a desenhar:

Mas que casa bunita essa tua. (Denise)

Ma ela é como ela é. (Tereza)

Aquela ali não vai sê fácil. Senão imagina da imaginação e bota... as janelas aqui. (Denise)

Aqui tinha umas frorzinha. (Tereza)

Este diálogo demonstra a interação ente as mulheres pesquisadas/ pesquisadoras e a interferência no processo criativo de umas com as outras, apontando possíveis soluções. Próprio da *pesquisa participante*, as mulheres vão aprofundando os atos de conhecimento de si em suas relações com os outros e com a realidade.

Dos dois desenhos que fizera (fig. 78) apresenta uma característica recorrente nesta mulher a interferência notável da memória como recurso



Figura 78 Desenhos de casas, Tereza.

da imaginação: A flor a que ela se refere e que aparece ao lado da porta da casa no desenho não existe mais. Tampouco estava registrada na fotografia. Ela a desenhou a partir da memória.

A imaginação se encontra em relação direta com a sua experiência acumulada.

Ao fazer os pré-projetos rapidamente ela solucionou-os. (fig 79) Apresentou-se extremamente sintética e imaginativa.

A flor e o quadrado.... (Tereza)

Sugeri a Tereza o mesmo que sugeri a Denise, que poderia trabalhar com formas inteiras que apareciam nos seus desenhos. Incluindo que fizessem com uma estrutura bem diferente da que tinha feito os primeiros dois. Rapidamente ela construiu o terceiro pré-projeto, mantendo a mesma estrutura: barrado, 1/4 espelhado.

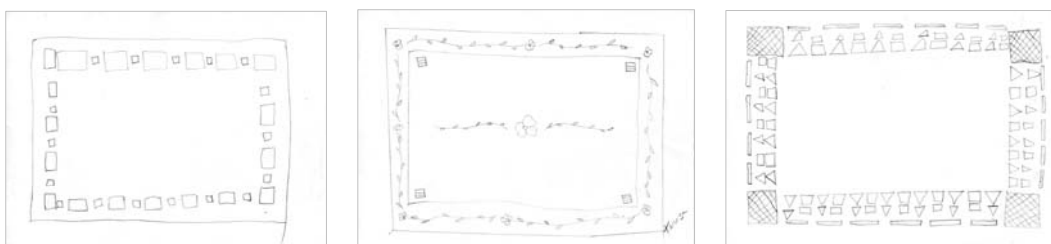


Figura 79 Tema gerador CASA – pré-projetos 1, 2 e 3, Tereza.

Orientei que em casa ela desenhasse flores e folhagens que possui e a casa e partes dela interna e externa. Ela chegou no encontro seguinte



Figura 80 Folhagens, Tereza.

com uma folha ilustrando suas folhagens (fig 80) na qual está evidente o caráter da observação. O segundo (fig. 79, 3) apresenta a frente da casa evidenciando detalhes como o mosaico de cerâmica da área

Analizamos os pré-projetos e desafiei-a a fazer um quarto pré-projeto. Ela continuou com a abstração das formas tendo organizado-as sempre em forma de barrado espelhado. O meu desafio tinha a intenção de que ela diferenciasses a estrutura de seus pré-projetos. Neste pré-projeto (fig. 79, 3) ela empregou a janela da porta como quadrados nos cantos ligados por um barrado com formas inspiradas no mosaico.

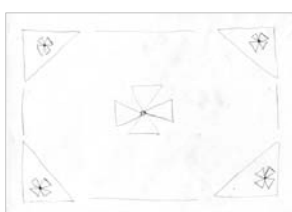


Figura 81 Pré-projeto 4.

Formou um ritmo alternando quadrados e triângulos. Segundo Smeets, em todas as épocas e culturas as pessoas se sentiram estimuladas e inspiradas pelas formas primárias: quadrado, triângulo e círculo, consideradas signos

elementares. “Os homens normais e sadios reagem intuitivamente a estas três figuras básicas, pois elas vivem ocultas em seu espírito e em todo o seu ser. Elas são as formas mais claras e mais simples de todas, e divergem por inteiro umas das outras, apesar da relação intrínseca que as une”. (sd, p. 81)

No caso da Tereza ela se utilizou da força, simplicidade e expressividade das formas básicas que, entretanto, entendia como formas relativas ao *tema gerador casa*, referenciadas em suas ordenações representadas nos desenhos referencias que fizera.

Ajudei a Tereza a reproduzir ampliando em uma folha A4 que seria espelhada quatro vezes, pois seu projeto permitia. Orientei que folhas de jornal fossem usadas embaixo para não pintar as mesas. Para o projeto da Tereza fizemos uma janela de 1/4. Expliquei que não haveria

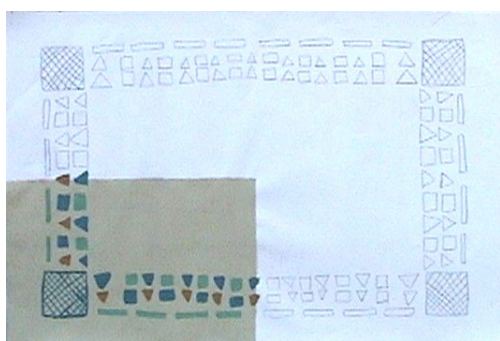


Figura 82 Tema gerador CASA- projeto. Tereza.

necessidade de pintar todo, até porque suas formas eram minuciosas e demorariam a serem todas pintadas. Somente ela fizera o tapete espelhado, que se repete nos quatro cantos.

Todo o processo de criação desse *tema gerador* indica um intrínseco condicionamento aos referenciais culturais que a cercam. Após ampliar, as cores que escolhera para pintar o projeto são bem próximas aos tons do mosaico que ela trouxera na memória, já que o desenho não tinha cor.

Porém esses dados eu só observei posteriormente quando fui à sua casa. Encontrei, também, a explicação para a estrutura empregada nos projetos da qual ela não conseguiu desvencilhar-se. Em sua pequena sala há um enorme tapete do qual ela não falara. É do tipo industrial com barrado, além de medalhão, conceito que tendo eu mencionado poucas vezes, ela reterá na memória.

Ficou evidente que a Tereza possui uma acirrada memória visual, pois já no desenho da casa incluiu referências que já não estão mais presentes. Os pré-projetos todos contiveram estrutura semelhante ao tapete que tem em casa e as formas que mais usou estavam logo ali na sua casa em frente à porta: um mosaico de cerâmica quebrada. As formas, dispôs ordenadas em ritmos. Tudo estava ali em sua mente na forma de imagens referenciais retidas pela memória de suas experiências mais recentes e mais antigas. Aparece neste processo de criação da Tereza os dois impulsos distinguidos por Vygotski (1982). O reproduzidor onde ela reproduziu que a partir de experiências passadas recombina-as criando algo novo.

7.5.2 Tema Gerador: FILHOS

Depois da reflexão partimos para a prática. A Tereza trouxe uma camiseta e duas fotos dos filhos. Pedi que desenhasse os objetos significativos das crianças.

Copiá a foto? (...) Eu não consegui fazê igual. (Tereza)

Aqui, também, aparece a necessidade de desenhar igual a foto e a vontade de conseguir um grau maior de aproximação com o objeto desenhado.

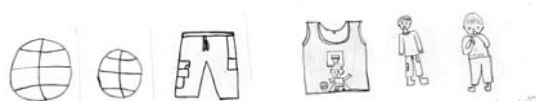


Figura 83 Desenhos de objetos referenciais dos filhos. Tereza.

Em uma folha a Tereza representou com fidelidade a camiseta que trouxera do filho caçula e interpretou os dois meninos e partir das fotografias.

(fig. 83) Sugerí que a Tereza desenhasse também um calção do outro filho, em casa.

Este *tema gerador*, nesse período em especial, foi bastante delicado de ser tratado por esta mulher, mãe, pesquisada/pesquisadora, pois todos

os problemas pelos quais ela estava passando refletiram-se no convívio com os filhos e os nossos encontros tornaram-se espaço para seus desabaços, durante as conversas entre os trabalhos. Do caçula, além da assumida impaciência, as reclamações:

Tem que ser primeiro ele se não dá primero pra ele, ele chora.
(Tereza)

Eu era assim quando era pequena não gostava que ninguém.
(Denise)

Do primogênito, filho da sua adolescência, que passa férias com ela, pois mora com a avó paterna em uma pequena cidade vizinha, disse que não o agüenta. O menino, já adolescente, reflete seu complexo de rejeição maltratando o irmão pequeno, que para efeitos usufrui os cuidados da mãe e do pai que moram juntos. Por causa dele, no dia seguinte ela chegara bem atrasada quanto ao horário. O pai do menino veio para juntos decidirem seu destino, considerando o ano letivo que começa.

A Tereza chegou bastante alterada. Silenciosa, começou a fazer seu trabalho. Trouxe a bermuda que desenhara. Ninguém lhe perguntou nada e as colegas num misto de solidariedade e descontração falavam assuntos amenos.

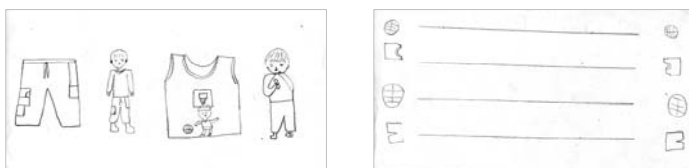


Figura 84 Tema gerador FILHOS- pré-projetos 1 e 2. Tereza.

Esta mulher pesquisada/pesquisadora não conseguia a concentração necessária para trabalhar. Como chegou atrasada, vendo que as colegas estavam adiantadas no trabalho, era mais um fator a baixar sua auto-estima. Com minhas sugestões fez um pré-projeto e somente sendo desafiada e com minha interferência fez o segundo pré-projeto (fig. 84). Mas ela seguia pouco animada, visivelmente afetada pelo problema referente ao filho.

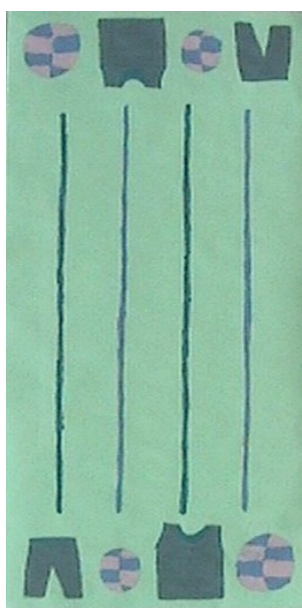


Figura 85 Tema gerador
FILHOS- projeto. Tereza.

Neste caso podemos considerar a influência do contexto de vivências interferindo no processo de criação da Tereza e influenciando o seu fazer. Todos os sentimentos e emoções estavam com ela fazendo parte do trabalho.

Fui trabalhando com ela passo a passo, entretanto, ela recusou-se a fazer um terceiro pré-projeto. Havia decidido por uma passadeira e eu aconselhei-a a ampliar o pré-projeto de listras (fig. 85) para que ela aproveitasse os desenhos que fez no tamanho que se encontravam. Ela foi escolhendo as cores e pintando sem pensar muito. Sua condição motora, também, dificultou

sua pintura quando se trata de motricidade fina.

Ao expormos os projetos para análise esta mulher limitou-se a se exclamar:

O meu como eu lavo ropa todo dia, eu coloquei umas ropa... é que eu mais lembro. (Tereza)

Esta declaração, junto a outras suas e tantas vezes citadas por todas as mulheres pesquisadas/pesquisadoras, por ocasião da dinâmica do cotidiano e outras, expressas entre as reflexões acerca dos *temas geradores* casa, filhos, ponte, saúde..., tornou-se o referencial escolhido para representar o trabalho doméstico.

7.5.3 Tema Gerador: LAVAR ROUPA

Algumas vezes, quando começou a chover repentinamente, as mulheres tiveram que parar o trabalho e correr para suas casas para recolher dos varais as roupas já secas.

Para representar este *tema gerador* a Tereza ficou de desenhar os varais seus e da comunidade e o tanque. Porém, ela parou de vir e este trabalho ficou inconcluso. Somente na análise de processofólio ela relatou que havia iniciado a pesquisa onde além dos varais (fig. 86) ela fez uma rica pesquisa plástica. Desenhou vários elementos que nem havíamos combinado. O seu tanque e o das vizinhas, uma máquina de lavar roupa,

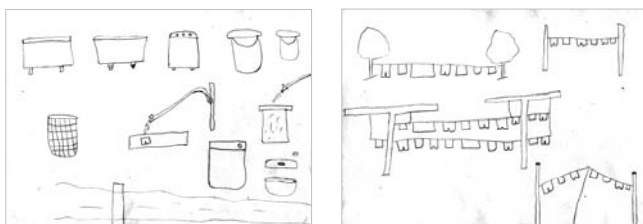


Figura 86 Desenhos referentes ao *tema gerador* LAVAR ROUPA - Tereza.

baldes, um cesto de roupa suja, um tanque com a torneira tal qual elas usam para lavar.

Este trabalho, embora não concluído, revela o entendimento desta mulher pesquisada/pesquisadora de como é a pesquisa plástica sobre um *tema gerador*, tendo ela ultrapassado o que definimos, denotando o entendimento prático do que é a pesquisa.

Tereza veio no dia 03 e no dia 04 de fevereiro e disse que só iria olhar, não quis imprimir nenhum tapete. Acrescentou que o filho ficou sem problemas no colégio, ela disse:

Ainda bem porque não preciso de mais um problema. (Tereza)

Deduzimos que deu certo a experiência que tivera no projeto durante as atividades com o Tiago.

O processo de criação da Tereza foi influenciado por uma série de eventos que afetaram seu cotidiano e a continuidade do trabalho. O turbilhão de pensamentos e emoções precedidos da impossibilidade momentânea de administrá-los contribuiu para o seu afastamento do trabalho.

Entretanto, a proposta desta pesquisa teve como pontos fortes considerar o contexto das mulheres pesquisadas/pesquisadoras e construir juntas o processo educativo. Implica, pois, em considerar e

respeitar a maneira com que cada uma enfrenta e resolve seus problemas.

Para finalizar a análise e reflexão acerca do processo de criação das mulheres apresento uma síntese gráfica de como ocorreu (fig. 87).



Figura 87 Processo de criação das mulheres pesquisadas/pesquisadoras.

Para cada *tema gerador* as mulheres pesquisadas/pesquisadoras selecionaram certos objetos referenciais, influenciados pelo seu repertório sócio-cultural, imagens referenciais e memória, que serviram de base para a representação através do desenho. Dos elementos extraídos dos desenhos foram elaborados pré-projetos que selecionados foram efetivados em projetos por meio da linguagem do design de estampa para tapetes.

Capítulo 8

OLHARES SOBRE A PRÁTICA INVESTIGATIVA

8 Processo de conscientização e criação: olhar das mulheres pesquisadas/pesquisadoras

Neste espaço, passo a relatar o modo de ver das mulheres pesquisadas/pesquisadoras acerca do próprio processo de conscientização e criação. Quais os pensamentos e sentimentos que permearam o processo de trabalho influenciando e sendo influenciados pelo mesmo. Grande parte dos dados foram adquiridos mediante análise do processofólio, veja roteiro no anexo I, outra parte, antes e durante a aplicação da pesquisa e outros ainda, após o término dos trabalhos.

Comecei a análise do processofólio inquirindo a respeito dos pensamentos e sentimentos iniciais acerca das expectativas quanto ao projeto:

Eu imaginei que ia ter que estudar e alguma coisa pra aprender (...) Eu esperava aprendê a fazê o tal do tapete. (Tereza)

Eu era curiosa pra saber né. Como é que ia fazer... como é que nós ia passá pro pano (...) Eu tava curiosa pra ver pra terminar pra ver como é que ia sê. (Denise)

Apesar que bem no início eu não entendí muita coisa. Eu vim mais por curiosidade, pra sabê o que que era, o que que ia acontecê, eu era mais curiosa (...) Sinceramente não esperava muita coisa. (Elissandra)

No início, no primeiro dia que tu falô que nós tinha que desenhá bastante, eu não gostei, aí disse ai eu não vô gostá eu acho, vai sê só desenho.

Eu pensei que a gente ia começá lidando já nos tapete. Pegá tecido, fazê alguma coisa né. Aí, até que eu te falei que eu não

gostava de desenhá né. Aí eu comentei em casa de noite. – Acho que eu não vô gostá, porque é desenho e eu não sô do desenho. Aí depois vendo que comecemos a escrevê e depois pra... escrevê pra depois desenhá, né. Pesquisá todas coisa pra depois desenhá, aí eu comecei gostá. Mas o primeiro dia eu não gostei. (Rosângela)

É eu achei que tu não tinhas gostado, também. Até achei que tu fosses desistir.

Ah, o primeiro dia foi assim, daí eu disse, há eu vô tentá pra vê daí. (Rosângela)

Estas impressões iniciais revelam as expectativas quanto ao que eu propusera lá no início do trabalho e outras ainda quando às convidara. Expectativas do que teriam que fazer e como seria este fazer e, ainda, como aprenderiam esse fazer. De outra parte, a explanação de que seria um processo de aprendizado e de como seria este processo, provocou, no caso específico da Rosângela, o acesso à memória desagradável, de sua experiência pregressa quanto ao desenho. No entanto, a curiosidade impulsionada pelo desejo de novos aprendizados fê-la prosseguir.

Perguntei a cada mulher pesquisada/pesquisadora o que representou para ela fazer este trabalho. Transcrevo na íntegra alguns depoimentos reveladores de seus pontos de vista:

Ah, eu até gostei. É melhor que ficar em casa sentada, se ocupa um pouco. (Teresa)

Olha pra mim representa muito, porque pra mim o desenho, essas coisa, pra mim não tinha muito sentido, era só função de escola, aquela coisa vai pra escola, desenha, tu pinta (...) Eu não sabia que tinha um significado tão grande, que pode de um desenho saí um tapete, um pano de prato, alguma coisa assim. (Elissandra)

Nestas citações, primeiramente o trabalho serviu como ocupação, até num sentido terapêutico. Contudo, a fala da Elissandra revela uma descoberta: o que era considerado uma atividade estritamente lúdico-

infantil, passou a ter outro significado. O desenho adquiriu importância porque, sendo parte do processo de criação, foi desenvolvido num contexto real e gerador de novos significados subjetivos e objetivos.

A elevação do sentimento de auto-estima, gerada pela auto-superação, também aparece como um ponto forte. As próximas falas sobre a reflexão acerca do lugar onde moram, evidenciam outros aspectos percebidos pelas mulheres:

Foi sobre a casa né. Sobre a moradia... Eu achei bom porque daí de explicá de uma forma como tu fez né. Daí a gente ficava ... sabendo mesmo sobre o que a gente tava estudando, sobre a realidade da gente né, que é as casa.

... Há, daí que a gente entende bem mesmo muitas coisa, falta né, falta um monte de coisa. (Denise)

Bom, porque refleti eu nunca tinha refletido sobre a vila né. Eu moro aqui, má nunca dei muita importância, o que tinha o que não tinha. O que morava o que não morava, né. (...)

... eu vi que tem muitas coisas que nós da comunidade podemos fazê, né, como a ponte. Eu nunca tinha passado pela cabeça que nós se reunindo podia consegui alguma coisa da ponte. (Elissandra)

Foi bom, por causa que... eu não tô contente no lugar que eu moro e deu pra vê que tem gente também, que não tá né. Não é só eu. (...)

... eu não imaginava que eu podia fazer uma coisa no desenho e depois passá ali e fica um trabalho bem feito. Eu achava que eu não era capaz de... logo que tu começô dizê que a gente ia fazê os desenho pra passa. Eu pensei: ah, eu não sô capaz... (Rosângela)

Eu me senti bem. Muito bem. Adorei. Foi difícil no começo, achei que não ia consegui por causa dos desenhos né. Mais uma emoção muito forte. De fazer, né. De consegui. Jamais ia pensá que ia consegui fazê (Marlete)

Estas respostas manifestam como repercutiu nas mulheres pesquisadas/pesquisadoras o processo de reflexão-conscientização. A percepção de coisas que antes passavam despercebidas, a descoberta

de insatisfações que são coletivas e que unidas em grupo podem gerar ações capazes de mudar a realidade. As falas transcritas a seguir revelam como foi efetivada a ação relacionada à *palavra geradora* CASA, que partiu da conscientização:

Formemo uma equipe, com ajuda, com a tua ajuda. Quando nós começô sem a tua ajuda não ia começá aqui também. Como é que nós ia fazê solito. (Marlete)

Mas vocês fizeram sozinhas.

Nóis fizemo. (Marlete)

É que realmente... é que, como diz: uma andorinha não faz verão, né. Ai como nós podia se reunir, aí foro lá falaro. (Elissandra)

Foi bom porque a gente se sentiu bem, porque a gente perguntou e ficou bem informado, porque um falava uma coisa e outro falava outra. (Denise)

Eu me senti bem, porque daí eu fiquei com mais esperança, eu já tinha até perdido a esperança né. Tava bem triste. Ai, quando a gente foi lá, e voltô o entusiasmo de novo de.... de recebê uma casa né. De i mora numa casa melhor. (Rosângela)

O bloco a seguir faz conhecer todo o entendimento das mulheres pesquisadas/pesquisadoras referente à reflexão-conscientização-ação acerca da *palavra geradora* FILHOS, bem como as mudanças provocadas. Os diálogos falam por si, leia a seguir:

Bem importante, o filho é importante pra gente. (Denise)

Sobre... falando que é melhor a gente conversá que conversando né... que é muito mais melhor, achei que aquilo ali é importante né, pra gente. Que não é só dando laço que induca né, que também conversando. Eu achei bem importante. A gente aprendeu algumas coisa muito boa depois que tu começou a citar pra gente, que não é só gritando... (Denise)

É que a gente aprende mais coisa ainda. (...) Pra mim foi importante, né, porque as ... tem filho e estudá sobre filho,

pesquisa sobre filhos, pra mim é muito importante.
(Elissandra)

Porque a gente conversando aprende mais coisa do que só ficar em casa sem aprender nada, as vez a gente faz as coisas errada e nem sabe... sobre criança. Ação de melhorar com os filhos, aprendi um pouco. (...) eu aprendi a ter um pouco mais de paciência que eu não tinha... aprendi que tem que ter paciência, que tem que lidar de outro jeito com eles. (Tereza)

Porque filhos é tudo, né. Os meus filhos pra mim são tudo. (...) Teve, [importância] porque a gente falô bastante em paciência aqui, né. Ajudô bastante, sim. As conversa tua, ajudô bastante, sobre paciência e que cada um é diferente do outro né. Que eu falei que os dois eram diferente, né. Que tu conversava que nem todos são igual. Mudô bastante. (...)

Eu mudei, por causa que, eu pensava que era só teimosia dela né. E agora eu tô entendendo que não. Ela tem a vida dela diferente, né, não vai se tudo igualzinho que eu quero que seja igual do Gui, né. (...)

Então ela é bem diferente. Que ela fazia uma coisa eu pensava que era teimosia e dava castigo né. Agora não. Eu to bem manerada nisso, causa que ela faz as coisa né e eu digo pra ela, explico, né se é errado, mais sei que é o jeito dela né. Não quero que ela seja do mesmo jeito do Guilherme. Bem, tá bem mudada.
(Rosângela)

Conversá co filho. Dá carinho, dá o estudo. Muita coisa mudo. De tê paciência com eles, conversá... e a cabeça também fico mais aliviada. (Marlete)

Mais conversa. E tá funcionando?

I tá. (Marlete)

Na prática. Tu poderia citar um exemplo, Marlete?

Eu poderia. Porque o que nós falemo aqui eu falei pro Danilo também em casa, que as veiz ele é meio... esquentado com os guri né. Já dei uma lição nele. (Marlete)

E aí o que que ele disse?

Aí, ele viu que eu tava certa, que é assim mesmo. (Marlete)

E ele passou, também, a tomar outra atitude?

Eu expliquei pra ele tudo né. Sobre as criança que nós falemo aqui. O que foi dito e ele acha que é . é mesmo assim. Achô que fosse. (Marlete)

Sobre essas mudanças, perguntei a Elissandra: tu achas que ampliou o teu entendimento sobre a relação com filhos. Poderia exemplificar?

Eu, como eu te falei eu era gritona com a Natália. A Natália fazia algo que eu não gostava eu ia lá e gritava com a Natália. Agora não, eu vô lá, pego, sento e converso com ela. Porque ela andava gritando com os mais velhos porque eu gritava com ela, né. Então agora eu pego, sento ali e converso com ela, não saio gritando a moda loca como eu saía. (Elissandra)

E tu notou alguma mudança nela?

Sim, porque ela... também gritava, porque ela fala pelos cotovelos, né. É aquela função de que ela andava gritando, né, até com os mais velhos, parô. Ela não tá mais, que ela gritava tanto com os primos, tios avô (...) Ela não tá mais gritando. (Elissandra)

Tu notou isso.

Notei isso nela. (Elissandra)

Então tu acha que ela melhorou?

Melhorô muito. (Elissandra)

O tema gerador filhos foi sem dúvida o tema considerado mais importante pelas mulheres pesquisadas/pesquisadoras, considerando suas manifestações que desvelam o impacto provocado pela conscientização a respeito. Todas as mulheres foram capazes de apontar com exemplos as mudanças que ocorreram nelas, que, por consequência, modificaram o mundo a seu redor. Seja na relação direta com os filhos, seja na relação com o cônjuge.

Este *tema gerador* foi lembrado também como o ponto mais importante de toda a pesquisa por parte das mulheres:

O que que foi mais importante.... Quando nós discutimo sobre filhos eu achei bem importante. (Denise)

Um tema bastante relevante, por quê?

Porque a gente falô sobre estudo né, sobre educação, não é. Que nós se interessava, que uma falava mais que queria ver os filhos formado e essa é a preocupação né. Outros sobre ensino, que a gente comentou, que um é mais medonho que o outro. Todos né, Mari eu gostei. Mas sobre criança eu gostei bastante mesmo. (Denise)

A conversa sobre os filhos. (Rosângela)

Por quê?

Por causa que, eu acho que, pra mim, foi mais importante os filhos. Por causa que eu não tinha (...) achei importante a conversa que a gente teve. E se eu tivesse pessoas que viesse falá sobre os filhos com a gente, eu acho que seria muito melhor ainda. (Rosângela)

Estas falas evidenciam, também, a necessidade de uma "conversa" com alguém que pudesse esclarecê-las a respeito do cuidado com os filhos. Nesse sentido, as mulheres pesquisadas/pesquisadoras tornaram-se conscientes do seu inacabamento, de sua inconclusão, que é própria da experiência vital (Freire, 1999). Conscientes de sua incompleticidade e de que toda a busca exige mais busca, assim desafiam a educação para que proceda dinamicamente para que elas possam "ser mais no mundo".

Ao serem indagadas se os *temas geradores* refletidos expressavam a realidade da comunidade, responderam:

Acho que sim. (...) Porque nós trabalhamos só... como é a realidade mesmo, sobre filhos, bastante criança que tem na vila, sobre a moradia né, sobre a ponte, só trabalhamos através da realidade da própria vila né. O que é. (Denise)

E o que tu achou de trabalhar e refletir sobre esses temas?

Achei bem bom, porque aí a gente entende bem né, quando tu começou a explicar daí tu entende melhor assim. Eu acho que é melhor de entender. (Denise)

Eu só expliquei ou a gente conversava e aprendia junto?

A gente conversava e aprendia junto eu acho, né. (Denise)

Esta fala demonstra a idéia de que eu levei os conhecimentos para elas. Mesmo tendo tomado cuidado para ser instrumento mediador de reflexão, promovendo, a partir desta, um olhar voltado para si e o olhar para o mundo para depois tornar a olhar para si, questionando acerca da relação eu-mundo. E deste circuito homem-mundo é que, tendo refletido acerca do *tema* filhos, regado pelo conhecimento construído (artigo), cada mulher pesquisada/pesquisadora pode olhar-se e perceber-se capaz de mudar, promovendo em si uma mudança que reflete no mundo. Lembrando Paulo Freire quando diz que os homens modificam o mundo à medida que modificam-se a si mesmos, a fala a seguir expressa melhor o entendimento de que as descobertas foram sendo feitas conjuntamente pelo processo de reflexão-conscientização.

Eu gostei né Mari. Como eu tô te dizendo, que a gente entendeu bem daí, a gente falava e discutia, aprendemo uns com os outro né. Não foi só (...) Tu explicava e a gente conversava e... (Denise)

Acerca dos *temas geradores* a Rosângela e a Elissandra acrescentam:

Achei bom, porque é o que a gente vive o dia-a-dia né. (Rosângela)

Bom, pra mim até que foi bom, porque eu nunca tinha refletido sobre isso. Só em pensá o que a vila precisa o que não precisa me estimula a ajudá. Pouco ou bastante eu pretendo ajudá. (...)

Eu acho que estudá mais sobre a comunidade em si, acho que seria melhor. Sobre a Vila Cerrito né. (...) Continué estudando. Acho que ai assim em função da convivência, porque tem gente aqui e muita gente que não vai muito com a cara de outro, então (...)

Pra mim, estudá mais um pouco, sabe. Eu sinto falta de voltá a estudá, assim escrevê, de vê, de pegá um dicionário na mão, procurá, lê, né. Apesar que eu leio muito. Essa função de voltá tudo de novo, escrevê, lê e participá.

Eu leio revista, até jornal velho eu leio. Eu gosto muito de lê livros né, então eu tô sempre. Porque eu parei de estudá né, mas eu tenho essa coisa na cabeça: se eu continuar lendo eu não vô esquecê do que eu estudei. (Elissandra)

Esta explanação revela o juízo a respeito dos *temas geradores* refletidos e acrescenta, ainda, uma sugestão de continuidade. Aponta um novo *tema gerador*, o das relações interpessoais exemplificando com algumas relações problemáticas na comunidade. Este fato mostra a capacidade de superação. Tendo refletido sobre *temas* relevantes foi possível visualizar e apontar outros que, julgou importante de serem abordados. Para que possa, a partir da reflexão-conscientização, gerar uma ação de mudança, no caso, promover a reconciliação entre pessoas da própria comunidade.

As outras duas mulheres pesquisadas/pesquisadoras apontaram como fator de maior importância na pesquisa o processo de criação dos tapetes, enfatizando o tapete como resultado do processo de criação:

O mais importante é, pegá as peça como foi da casa depois fazer e formá o tapete. (Tereza)

Criá e fazê o tapete. Mais importante o tapete que saiu. (Marlete)

Perguntei na análise de processofólio o que representei ou represento para elas. As respostas saíram rápidas.

Representô e representa uma professora que veio insiná mais.

Uma professora. (Marlete)

Uma pessoa que ensina. (Tereza)

Uma pessoa que qué ensiná a gente as coisas boas. Eu acho isso. (Denise)

Pra mim, uma pessoa que me ensinou a gostá do desenho, coisa que eu não gostava. (Rosângela)

Bom, pra mim tu foi como se fosse uma pessoa que me tirasse da rotina, sabe. Por um lado tu foi uma pessoa especial porque tu me tirô daquela minha rotina, porque eu vivia em função de casa, de filhos, eh, organizá casa, aquela coisa tudo. E me tirô um pouco da rotina com a Natália, porque eu sei que a Natália não é fácil, de vez em quando, de aturá. Foi muito bom, podê até trazê ela, porque eu sô uma mãe assim, né, como eu não posso, não consigo dexá ela num lugar que eu saiba que ela não tá bem, né. Então eu prefiro carregá ela comigo. (Elissandra)

Tu achas que se não tivesse essa forma de elas ficarem junto aqui, não teria como?

Eu não teria como vir. (Elissandra)

8.1. Modificações geradas nas mulheres pesquisadas/ pesquisadoras e na comunidade

A essa altura o leitor já tomou conhecimento de várias mudanças que foram acontecendo no decorrer do processo pedagógico, e outras ainda anunciadas pelas próprias mulheres pesquisadas/pesquisadoras. Entretanto, cabe elucidar, ainda que rapidamente, algumas que, como efeito, ocorreram posterior ao término das atividades. Na análise de processofólio, indaguei:

Algo mudou na tua vida com essa pesquisa?

*Acho que sim porque a gente cada vez vai aprendendo mais né.
(Denise)*

O que tu podia citar que mudou?

Sobre... sobre como eu te falei de educação né, ... que a gente só não adianta dá um tapa, que tem que conversá mais, que eu já tô conversando mais com a Luana. E sobre o que a gente aprendeu né, que eu tinha curiosidade de como que passasse pro pano, e depois fiquei bem preocupada, eu digo: mas como é que eu vô fazê né. A gente tá aprendendo, já mudou né, porque já aprendeu alguma coisa. (Denise)

Além da própria conscientização quanto a sua mudança, cabe expor aqui dois fatos ocorridos posteriormente. O primeiro deles foi um diálogo ouvido por acaso, pelo Tiago, entre esta mulher e sua irmã mais nova, que é mãe de um nenê, onde a primeira explicava para a outra quanto a alguns cuidados que deveria ter para com o bebê, enfatizando que a mãe deve conversar e dar muito carinho, explicitando que aprendeu isso no curso da Mari.

O outro fato ocorreu por ocasião da premiação do projeto *Arte-trabalho-educação: criatividade como alternativa para a inclusão social* (veja mais detalhes nas considerações finais), onde a Denise era a candidata mais indicada para viajar a São Paulo como representante da comunidade, para a cerimônia de premiação e capacitação.

Em vista do choro desesperado da filha diante da possibilidade de três dias de afastamento, coerente ao que falara no processo de conscientização, ela optou por não ir. Contudo, percebeu que precisa trabalhar o processo de interdependência e autonomia superando o apego castrador.

Já a Elissandra assim se expressa quanto a seu aprendizado:

Mudô! Eu achava que eu não tinha muita capacidade de muita coisa. Achava que tinha capacidade só pra mantê minha casa,

sabe? Pagá as contas aquela coisa. Mantê a casa é. Porque fora o bordado eu não fazia nada e agora eu descobri que bem ou mal eu posso fazê uma coisa diferente, né, no caso estampá um tapete. Não digo sozinha né. Mas eu tenho condições de desenhá, estampá um tapete, pintá... (Elissandra)

Esta mulher pesquisada/pesquisadora que teve seu processo prejudicado pelo excesso de ausências retornou aos trabalhos mais tarde, por ocasião da aplicação do projeto acima referido, sendo coerente com a intenção manifestada de continuar estudando, aprendendo e participando.

A Marlete assim define sua mudança:

É que eu não tinha muito o que fazê, então depois que veio essa, esse trabalho, a cabeça melhorô um eito, do que ficá parada. Não tinha o que fazê, né. Me ajudô bastante. (Marlete)

Ela, sempre confiante de que iríamos conseguir verba para a continuidade do projeto, exultante ficou com a premiação. E mais ainda porque teve a oportunidade, talvez única, de viajar de avião para a solenidade de premiação em São Paulo.

Além dessa experiência enriquecedora, posteriormente na ocasião do anúncio às famílias contempladas com casas na Cohab da Vila Maringá, não tendo sido contemplada, levantou-se e foi em busca de seus direitos. Foi atrás dos responsáveis, provou sua necessidade e recentemente mudou-se para o chamado loteamento Dores.

Vai continuar participando do projeto, mas a novidade é que combinou com a Rosângela, que também foi transferida, para matricularem-se na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Pretendem ir juntas à escola que se situa próxima às novas residências. Despertou, sim, o gosto pela busca de novos saberes.

Outra situação pela qual ela enfrentou foi de que o marido reclamou o fato de ela pedir para pegar R\$ 1,00 da carteira dele. Confiante, ela retorquiu: *“pode dexá, eu vô tê o meu próprio dinheiro não vô mais precisa tá te*

pedindo.” Isso demonstra a não acomodação frente a uma problemática e o anúncio da possibilidade de mudança.

Da mulher pesquisada/pesquisadora Rosângela teve poucas notícias após o término da coleta de dados. No primeiro semestre deste ano ela não participou do projeto de ensino, pesquisa e extensão que veio dar continuidade às atividades realizadas no período de coleta de dados, e recentemente (agosto) voltou a participar dos encontros acompanhando as outras mulheres. Ela foi contemplada com a moradia no loteamento Dores, mudou-se para lá e pretende voltar a estudar.

Quanto a Tereza, tenho algumas coisas a considerar:

Ainda que tendo tido seu processo interrompido em decorrência dos problemas por que passara, as transformações foram assimiladas e são visíveis as mudanças com ela ocorridas.

A falta de verba adiou a feitura de tapetes que seriam comercializados gerando renda às mulheres. Contudo a Tereza foi à luta. Aprendeu a fazer boneca de crochê e enfeite para geladeira que, além de ser terapêutico, ela vende e ganha um pequeno retorno financeiro.

Outra mudança de fundamental importância, notada pelas vizinhas-colegas, ocorreu por ocasião de uma saída para um evento relacionado ao projeto, em que ela se vestiu e se arrumou bem e, ao chegar à frente das outras, perguntou meio que afirmando se ela não estava bonita, se não parecia uma boneca. Todos notamos na prática a mudança provocada na auto-estima e auto-imagem dela.



Figura 88 Mostra dos trabalhos à comunidade.

Todas estas mudanças podem parecer pequenas mudanças, mas representam mudanças significativas se consideradas sua aplicação em longo prazo.

Quanto à comunidade, poucas mudanças que não fossem essas

envolvendo os parentes mais próximos pode-se perceber. Foram feitos novos convites às famílias da comunidade e iniciamos o trabalho com um grupo novo que logo foi desistindo e, quando chegou a notícia de que as casas seriam distribuídas, somente as mulheres que participaram deste trabalho continuaram. Perguntaram se teria refeição, etc. Grande parte da comunidade está acostumada com projetos e programas que doam deliberadamente bens de consumo imediato. Neste caso, seria necessário um outro tipo de intervenção que não é o objeto do meu estudo, mas que abordo de forma sintética em minhas considerações finais.

8.2. Estampando considerações finais

Explano aqui as minhas considerações, advindas da aplicação da pesquisa, situando-me como pesquisadora participante. Contudo, o próprio leitor pode tirar suas próprias conclusões possibilitadas pelo detalhamento e fidelidade dos relatos, embora, evidentemente, situando-se como leitor observador.

8.2.1. Considerações sobre a prática pedagógica

A princípio eu não tinha um método acabado para seguir e à medida que me reaproximei na oficina de carimbo, em dezembro, e os problemas já citados foram acontecendo, fui modificando o meu próprio ver, tanto que fez com que eu modificasse a proposta da prática primeira.

Mesmo ao começar o trabalho com as pesquisadas/pesquisadoras eu não sabia ao certo como ele se desenvolveria. Conhecia as mulheres, porém não as conhecia neste contexto: uma proposta diferente para elas e nova também para mim.

Havia um plano, uma proposta inicial, entretanto, ao se desenrolar o trabalho, ele mesmo foi tomando forma própria, definindo o próprio ritmo,

onde um encontro conduzia ao outro, de maneira que eu ia aprendendo a trabalhar com elas à medida que trabalhava, numa contínua troca, onde todas éramos, ao mesmo tempo, ensinantes e aprendentes.

Assim é a proposta pedagógica criativa que tenha os educandos como co-autores participantes, criadores, criativos. Não é um método pronto, é uma pré-proposta que, ao ser lançada aos educandos, se realmente aberta à participação e co-autoria, pode ser mudada por completo sem que isso desestruture o educador, que criativo e criador, consegue ter abertismo e uma elasticidade tal que em co-parceria com os educandos torna sua prática mais adequada às necessidades deles.

Isso não significa, de modo algum, fazer o “pacto da mediocridade”, onde o professor finge que ensina, o aluno finge que aprende e todos ficam felizes, ou fingem que ficam felizes e satisfeitos. Não significa tampouco, que não seja imbuída do que Paulo Freire chamou de “rigoriedade metódica”; de ter todo um propósito e objetivos. “Nem dirigismo, nem espontaneísmo”. (Freire, 147)

Considerando que:

Obviamente o papel de uma educadora crítica, amorosa da liberdade, não é impor ao educando o seu gosto da liberdade, a sua radical recusa à ordem desumanizante; não é dizer que só existe uma forma de ler o mundo, que é a sua. O seu papel, contudo, não se encerra no ensino, não importa que o mais competente possível, de sua disciplina. Ao testemunhar a seriedade com que trabalha, a rigorosidade ética no trato das pessoas e dos fatos, a professora progressista não pode silenciar ante a afirmação de que “os favelados são os grandes responsáveis por sua miséria”; não pode silenciar em face do discurso que diz da impossibilidade de mudar o mundo porque a realidade é assim mesmo. (2000, p. 44)

Portanto esta pesquisa sempre esteve envolta na idéia de que a *mudança é possível*, e esta noção contempla também os aspectos didáticos, escolhidos para concretiza-la.

A forma de trabalhar lançando questionamentos permitiu que as mulheres pesquisadas/pesquisadoras expusessem seus pensamentos através da linguagem verbal. Esboçar um juízo sobre as coisas exigiu que elas trouxessem à margem o que pensam e, juntas, fomos avançando nas reflexões.

As próprias falas foram melhorando em seu caráter crítico com o passar dos encontros. É certo que a total liberdade, sem repressão, que elas perceberam, pelo cuidado que eu tive ao respeitar suas formas de expressarem-se e valorizar o conhecimento que possuem, favoreceu sua auto-confiança.

Em momento algum as tratei como depósito de informações, tendo o cuidado em mediar conhecimentos sempre fazendo relações com sua realidade e a partir das suas dúvidas e necessidades. Proporcionei atividades didáticas em que elas pudessem beneficiar-se da descoberta resultante da própria procura.

O *tema gerador* CASA, de grande significado para as mulheres pesquisadas/pesquisadoras envolve toda a importância do espaço habitado. A reflexão-conscientização em torno dele engendrou condições para a realização de ações objetivas e momentâneas que instrumentalizaram-nas para ações posteriores na busca e efetivação do direito a dignidade de morar. Nesse sentido a educação cumpriu sua tarefa. “A tarefa progressista é assim estimular e possibilitar, nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervenção no mundo, jamais o seu contrário, o cruzamento de braços em face dos desafios”. (Freire, 2000, p. 59)

O *tema gerador* FILHOS, consta como o mais importante para a totalidade das mulheres pesquisadoras/pesquisadas. Por todos os fatores circunstanciais que o encerram sem sobra de dúvida refleti-lo foi

fundamental para a sua emergente significação e ressignificação evidenciada em todo o processo de trabalho.

Concluo aqui que a minha pesquisa encontrou seu lugar fundamental. Tendo partido do contexto real e da necessidade emergente de repensa-lo, forneceu instrumentos para que as pesquisadas/pesquisadoras pudessem supera-lo. Superação que se mostrou momentânea evidenciando a necessidade de mais busca, característica da educação libertadora na promoção permanente de *ser mais* no mundo.

Como mães, assumindo essa responsabilidade, a educação dos filhos, que implica em sua educação, é o maior benefício que elas podem dar para si, para eles e para o mundo. Todos juntos interagindo, modificando-o à medida que modificam-se. Isso implica em uma relação de inter-dependência. “É porque podemos *transformar* o mundo, que estamos *com* ele e *com* outros. Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para *programar* a transformação.” (idem, p. 33)

Junto aos outros *temas*, menos refletidos, e por isso não menos importantes, apresentam as temáticas de maior significado, relevância e urgência para o processo de conscientização possibilitado por esta pesquisa.

Dinâmicas (anexo A) envolvendo questionamentos com o foco em outros aspectos da relação Eu-mundo, desenvolvidas e aplicadas na proposta deste estudo apresentam uma maneira simples de envolver o educando pesquisado/pesquisador, para que ele/ela revele seu conhecimento inicial de forma que o educador/pesquisador possa compreender como é, de onde parte e até onde vai o olhar para o mundo do educando, para daí proceder sua educação, promovendo a reflexão já na escolha das *temáticas geradoras* mais significativas a serem aprofundadas.

As dinâmicas podem ser programadas de acordo com a proposta e objetivos do educador/pesquisador. Ele vai criá-las com base em seu foco. Contudo, sejam quais forem, se realmente houve espontaneidade na expressão do educando, elas fazem conhecer sua maneira de pensar e como ele a expressa. Esse é um momento importante para o educador/pesquisador onde deve ter redobrada atenção para perceber mais do que é objetivamente expressado. Há que ter a atenção no que é subjetivo, no que não é dito, não porque não tem conteúdo, mas porque há timidez ou medo no educando, Sem dúvida as formas de relacionar-se entre os educandos e educador e as interferências das relações externas ao trabalho educativo também fazem parte do rol de aspectos que influenciam a prática pedagógica.

Todos esses fatores servem para o educador/pesquisador pensar sua atuação no grupo. Atuação esta que também implica em objetividade e subjetividade em que nem tudo o que o educador diz pode ser apreendido, mas tudo o que faz e é, é visto e percebido pelo educando e isso é também educativo.

A condição de descobrir juntos as temáticas geradoras de reflexão, conscientização, ação, criação, etc, já os põe como sujeitos comprometidos com o próprio aprendizado. Trabalha já, aí, a consciência crítica, na escolha do que é mais importante e prioritário a ser estudado e superado com auxílio da educação, atuando o educador como mediador do processo educativo (fig. 89).

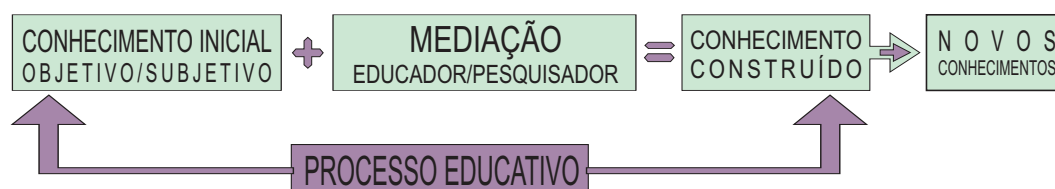


Figura 89 Gráfico do processo educativo

O exercício da reflexão-conscientização promove o vir-a-ser do educando, de forma que educando e educador juntos passam do

conhecimento inicial para a sua superação. Superá-lo e chegar a ações que transformem a realidade interna e externa onde uma influencia a outra. A capacidade de refletir e ampliar o entendimento em relação às temáticas geradoras expande conjuntamente com a autonomia na tomada de decisões mais acertadas, porque agora melhores elaboradas pelo pensamento.

A criatividade na educação crítica tem um papel fundamental, diferenciando-a da educação conservadora, que faz do educando depósito de conteúdos. Na educação libertadora, o educando, no diálogo crítico, faz o caminho do processo criativo que consiste em relacionar idéias, confrontando elementos armazenados na memória com fatos atuais.

O assunto em reflexão, se realmente reflexão, confronta idéias, aciona imagens referenciais, movimenta a memória, rememora eventos e experiências, desperta sentimentos e emoções e mais uma série de inter-relações que, confrontadas, somadas ou divididas, relacionadas através do pensamento e linguagem, dão lugar a conceitos novos. O saber inicial, assim modificado, dá lugar ao conhecimento novo, construído (fig. 90).

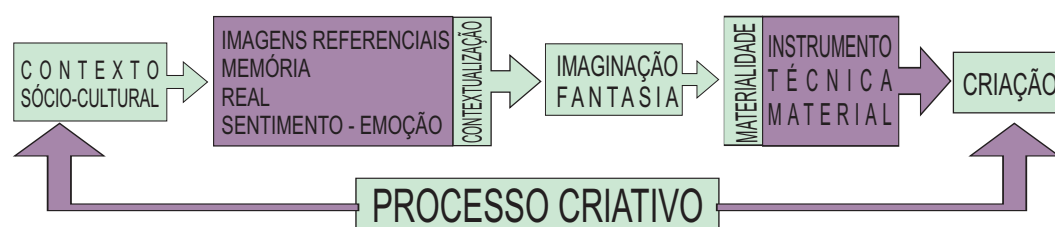


Figura 90 Gráfico de como aconteceu o processo criativo nesta pesquisa.

De forma semelhante atua a criatividade no fazer. Os objetos materiais, sejam artísticos ou utilitários, podem ser trabalhados de forma reprodutiva, a da cópia, ou simplesmente um fazer aleatório, prática da educação conservadora. Entretanto, na educação libertadora a criatividade é contextualizadora e questionadora do próprio fazer. O educando crítico no ato de fazer contextualiza-se e escolhe como fazer,

optando pelos caminhos possíveis a percorrer. É um fazer que nunca é cópia ou fazer aleatório, sem que o educando saiba seu propósito. É um fazer criativo porque produtivo, nunca reproduz (fig. 91).

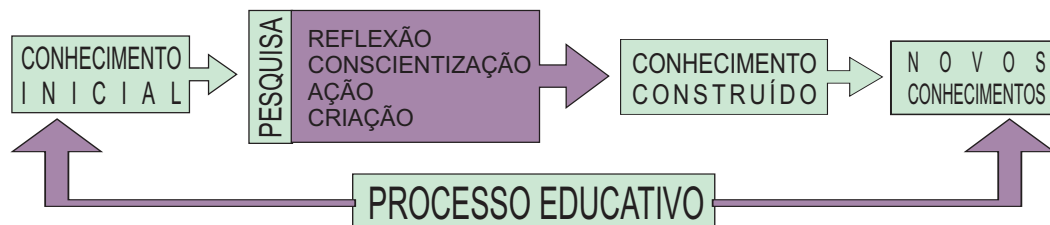


Figura 91 Gráfico de como ocorreu o processo educativo das mulheres pesquisadas/ pesquisadoras nesta investigação.

Portanto, este estudo apresenta uma proposta educativa que foi aplicada no ensino não-formal, atingindo o público denominado jovens e adultos, concretizada como educação popular. A proposta parte do conhecimento inicial dos educandos que, extraído do contexto sócio-cultural efetivado nos *temas geradores* promove a reflexão acerca do contexto. A reflexão propicia a conscientização que, tendo partido do



Figura 92 Gráfico do movimento produzido pela prática educativa desta pesquisa.

contexto sócio-cultural, volta-se a ele através de ações transformadoras.

Volto a afirmar que este circuito que parte do conhecimento inicial propiciando a reflexão-conscientização-ação em torno do contexto promove a construção do conhecimento supridor da necessidade de ser mais no mundo. Nesse sentido, a educação parte, em seus conteúdos, dos conhecimentos dos educandos, para que no ensino, através da pesquisa, eles possam ser capazes de ressignificar suas vivências e experiências, construindo novos saberes (fig. 92).

Então, do conhecimento inicial e conhecimento construído acerca do contexto sócio-cultural, parte-se para mais busca. Vale ressaltar que todo o processo está envolto na criatividade de numa educação referenciada num programa educativo que “possibilita a discussão da natureza mutável da realidade natural como da histórica e vê homens e mulheres como seres não apenas capazes de se adaptar ao mundo mas sobretudo de mudá-lo. Seres curiosos, atuantes, falantes, criadores”. (Ibidem, p. 97)

Aqui, ainda ressalto que esta investigação envolveu a criação de um produto utilitário, o tapete, através da linguagem do design de estamparia, onde as estampas refletem o resultado plástico da realidade local. A conscientização acerca dos temas geradores e o entendimento do

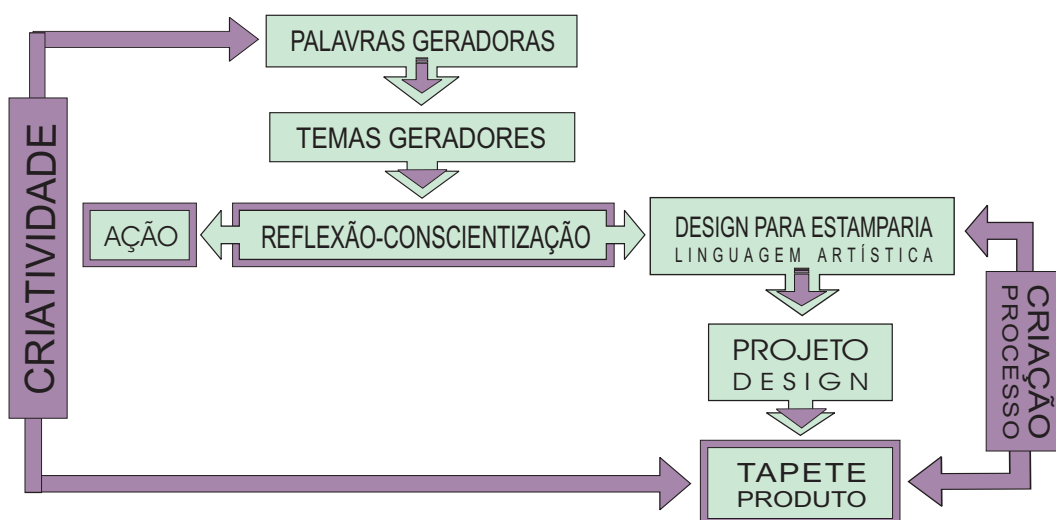


Figura 93 Síntese de como ocorreu a prática investigativa.

processo de produção do tapete com design, envolvendo o processo de criação de projetos, qualificou sobremaneira os resultados, que podem ser vistos no processo de criação (cap. 7).

Apesar do curto espaço de tempo que abrangeu a prática investigativa junto às mulheres pesquisadas/pesquisadoras, a forma dialógica de desenvolver os trabalhos possibilitou resultados bastante significativos. O gráfico (fig. 93) sintetiza o funcionamento da prática investigativa.

8.2.2 Considerações acerca do processo de aprendizagem da pesquisadora

Este espaço, reservo para tecer algumas considerações, conclusões temporárias e novos questionamentos que foram dinamizados pela prática desta investigação. Alguns assuntos são resultados primeiramente de minha trajetória de vida, porém, foram clareando-se de acordo com o desenvolvimento dessa investigação e por isso não estão expostos na apresentação. No entanto são temáticas que possuem forte relevância no meu contexto existencial e, conseqüentemente, interferem no exercício da docência, influenciando também meu direcionamento doravante. Ressalvo que não são propriamente mudanças, porém, conceitos extraídos a partir das vivências.

Além dos aspectos que são os objetos diretos desta investigação, outros aspectos foram sendo por mim analisados no decorrer da pesquisa. Apesar destes fatores não serem corriqueiramente desenvolvidos na literatura educacional, arrisco-me a cita-los e dar-lhes evidência, pelo fato de entendê-los como parte integrante das relações humanas e pedagógicas. Algumas destas variáveis gritaram tão alto que, devido às mudanças ocorridas em mim nos últimos anos tornaram-se impossíveis de não serem consideradas.

Durante a maior parte do período que desenvolvi esta investigação, estive eu, na condição de docente no ensino superior, no ensino fundamental (Educação de Jovens e Adultos) e no ensino não-formal. Dessa forma atuando concomitantemente, na Universidade Federal de Santa Maria, em duas escolas municipais e coordenando um projeto de ensino, pesquisa e extensão vinculado a UFSM (envolvendo as vilas Cerrito e Maringá) e, ainda, estando na condição de pesquisadora em educação.

Estas atividades de exercício educativo, em ambientes diversos, têm me possibilitado observações, comparações e análises que compartilho neste espaço. A prática tem me mostrado que um educador/pesquisador merece dar atenção às energias que compõem os ambientes em que ele circula/trabalha. Este padrão energético, a que me refiro, é formado pelo conjunto de pensamentos, sentimentos e energias das pessoas que atuam em cada ambiente. A prática da leitura energética faz parte da minha leitura de mundo. Assim, a análise dos aspectos sócio-econômico-culturais de determinada realidade, as expectativas e sonhos das pessoas envolvidas nesse contexto, dão pistas ao educador sobre o padrão energético desse local. No entanto a leitura energética é mais sutil e subjetiva do que a investigação do universo vocabular ou cultural, por exemplo. Ela possibilita a percepção de nuances menos superficiais e decodificadoras de informações capazes de revelar o íntimo das pessoas com quem estamos interagindo, fator que se torna relevante num trabalho que pretende promover mudanças internas e externas.

Nesta investigação, um exemplo prático de leitura energética, ocorreu quando percebi que as mulheres que aceitaram o desafio desta pesquisa elegeram a sinceridade como o valor mais importante em sua personalidade. Todas enfatizaram que procuram ser sinceras e valorizam sobremaneira a sinceridade das pessoas com as quais se relacionam. Este fato levou-me a pensar que a busca da sinceridade tem sido um traço que me empenho em conquistar. Uma sinceridade ao lidar comigo

mesma e com os outros, aceitando-me como sou, com traços fortes e fardos; e que é diante desse quadro que eu tenho que me trabalhar (evoluir) no mundo e com ele. Deixo aqui um questionamento acerca desta sutil percepção: terá sido uma mera coincidência, ou de alguma forma eu atraí, no contexto da vila Cerrito, pessoas que têm afinidades comigo? Estou convencida de que para “ler” e compreender estes acontecimentos é preciso fazer uso de outros instrumentos analíticos além dos já bastante desenvolvidos pela ciência moderna.

Também percebo como importante em minha ação pedagógica à relação existente entre pensamentos, sentimentos e energias. Estes três elementos aparecem a todo o momento em nossas vidas, e na prática pedagógica não é diferente, pois muitas vezes são responsáveis pelo desencadeamento de ações que podem definir o fracasso ou o sucesso de uma ação educacional. Portanto o melhor entendimento a respeito dos mecanismos de funcionamento desses três fatores faz-se necessários.

Relato aqui o fato ocorrido anteriormente ao período de coleta de dados desta investigação. A coleta estava prevista para outubro e novembro de 2003, porém, apesar de eu ter tomado as atitudes necessárias ao início das atividades, os pensamentos, sentimentos e as energias de um morador da comunidade eram explicitamente contrárias a concretização desse trabalho. Virou e mexeu que por razão da ação deste morador ocorreram fatos sincronizados que não permitiram a execução das atividades no período previsto. Porém, se a análise estiver alicerçada apenas no raciocínio lógico os fatos ocorridos muito dificilmente seriam vistos como relacionados às ações deste morador.

Este fator, como já afirmei, é muito raramente percebido, mas sinto-me no compromisso de evidenciá-lo, pois o vejo como parte do processo de ensino/aprendizagem. Se um educador/pesquisador(a) levar em consideração a influências dos *pensenes* [o professor Waldo Vieira (1994) criou este neologismo para referir-se conjuntamente aos três fatores: *pensamentos*, *sentimentos* e *energias*], talvez, poderá compreender

melhor algumas situações por eles vivenciadas durante suas atividades diárias.

Outro fator, nesse rol de fatores não freqüentemente tratados, é a questão da intuição. Essa capacidade de antever, ou prever um fato antes dele delinear-se. É mais que simples dedução lógica, pois passa por outros processos que não são de ordem racional. Por ocasião de eventos ocorridos nesta pesquisa, referendi aprendizagens anteriores que enfatizam a importância da intuição como uma habilidade a ser desenvolvida pelo educador/pesquisador(a), podendo ele evitar alguns problemas antes mesmo deles concretizarem-se.

Cito o fato relacionado ao galpão em que as atividades foram realizadas. Não sou de desconfiar das pessoas e agi desta forma com o proprietário do galpão. Conversei com ele e nos acertamos em relação ao uso do espaço para a execução das atividades. Então, porque me ocorreu uma forte sugestão sobre a necessidade de firmar um contrato de comodato com este proprietário? Racionalmente não haveria porque me preocupar quanto a tranquilidade de que as atividades seriam desenvolvidas sem maiores problemas quanto ao local. Pensando nesse sentido daria o caso por encerrado.

Na época em que esta idéia de firmar o contrato me surgiu jamais poderia raciocinar que dali a pouco tempo este proprietário viria a falecer. E foi isto que ocorreu, sendo que se eu não tivesse firmado o contrato, muito provavelmente, eu e as mulheres não poderíamos estar usando este galpão como ambiente educativo. Esse é um exemplo, e da mesma forma, outros fatos ocorreram durante esta investigação enfatizando para mim, a intuição como uma ocorrência, palpável, prática, que ocorre naturalmente na vida das pessoas, e a qual os educadores poderão instrumentalizá-la, utilizando-a como um ponto de apoio em sua rotina pessoal e docente.

Por fim reafirmo que vejo que a intuição, a capacidade de leitura energética, a percepção mais minuciosa das “coincidências” e a análise

dos pensamentos, sentimentos e energias, fazem-se úteis ao educador que pretende estar sintonizado com o mundo que o rodeia. Estas características, costumeiramente vistas como habilidades parapsíquicas, acabam, na maioria das vezes, vinculadas a dons místicos ou religiosos, aparecendo como fenômenos distantes da vida cotidiana. Pela minha trajetória de vida entendo estes fenômenos como naturais e passíveis de serem dinamizados e dinamizadores de nossas existências, visto que fazem parte de mim. Sendo assim, ao mesmo tempo em que percebo que estes assuntos raramente são debatidos pelos educadores, também vejo que nos últimos anos houve maior abertismo também nesse sentido, e os explico aqui porque para mim eles intrinsecamente fazem parte do cenário educativo.

Afora as questões acima referidas, a própria pesquisa, apontou para mim, outros focos a serem aprofundados e inúmeros aspectos a serem discutidos. Durante o trabalho, suscitaram-me questionamentos sobre como ocorrem, em nível biológico, as sinapses que caracterizam as mudanças provocadas pela prática da reflexão-conscientização-ação aqui desenvolvida. Fiquei curiosa em saber mais sobre a influência da memória no processo criativo, assim como me interessei em conhecer mais profundamente a respeito das implicações provocadas pelo exercício de associações de idéias e como elas funcionam em nosso cérebro. Pensamentos, sentimentos, energias, intuições, precognições, sinapses cerebrais, semiótica e influências culturais, (todas estas, relacionadas as inter-relações grupais) são algumas das minhas inquietações, e a partir delas, espero direcionar minhas próximas investidas enquanto pesquisadora.

8.2.3 Propostas para a Universidade advindas da prática investigativa

Questiono-me o porque nesta vila, onde desenvolvi este estudo, as mulheres que possuem um grande número de filhos, não manifestaram interesse pela proposta, sendo que as mulheres que compareceram para integrar o trabalho foram às mulheres que têm um menor número de filhos, tendo o máximo de três.

As mulheres com número maior de filhos e até mais necessitadas economicamente, não compareceram, embora tivesse quem atendesse as crianças durante o trabalho. Acredito que isso pode estar relacionado ao fato de que nesta comunidade existiram projetos assistencialistas que atendem em especial às famílias mais numerosas. Um dos quais eu mesma criei para atender as crianças. Após a minha saída, algumas famílias recebem rancho para manter as crianças no projeto e estas são atendidas mais em forma de entretenimento do que de forma educativa. Estes fatores regados pelas teorias pesquisadas levam-me a concluir na prática que projetos assistencialistas viciam as pessoas em receber. Levam-nas à passividade da espera de comida, roupa... de bens que duram o tempo do seu uso. Rouba das pessoas/consciências o direito de serem sujeitos atuantes e modificadores da própria realidade que estão inseridas. Elas ficam “embriagadas” de bens (imediatos) de curta duração que necessitam ser repostos (reingeridos) imediatamente.

Para mudar esse contexto se fazem necessários projetos que, mais do que doação de suprimentos, invistam em educação, em conscientização, em formação, gerando possibilidades de trabalho e obtenção de renda. É um processo que requer inserção do pesquisador, educador ou cientista social. Requer conhecimento da realidade e dos sujeitos/consciências com os quais vai trabalhar. É necessário dedicação e perseverança para que o empreendimento dê resultados eficazes.

A minha experiência me fornece dados para acreditar, e por que não supor/propor, que os governos, ao invés de patrocinarem programas de doações que geram dependência, propusessem e financiassem programas que atendessem a população, baseada em suas

necessidades, entretanto promovendo a sua superação. Projetos pensados e elaborados a partir do conhecimento da realidade, seja ela qual for, com previsão de tempo de duração, conforme a dimensão do projeto: curto, médio ou longo prazo. Contudo, é imprescindível a inserção de pessoal qualificado para implementar as ações. Essa dimensão, também, requer formação e investimento.

Ouso, ainda, inferir que, defendendo a continuidade do ensino público e gratuito, como forma de retorno à sociedade, deveriam ser implantados programas que fomentassem projetos propiciando que professores e alunos contribuam, com suas respectivas áreas de conhecimento, para a melhoria da qualidade de vida da população. A universidade pública precisaria investir na formação de pesquisadores e executores de projetos deste nível. Núcleos de apoio e núcleos de assessoria seriam outra forma de contribuição para atender à formação e continuidade de projetos que visem inclusão social. Para isso, é necessário também, que os pesquisadores executores tenham um olho na realidade local e o outro atento às transformações que ocorrem no mundo.

Para uma boa análise, o pesquisador precisa deter o máximo de conhecimentos possíveis para poder analisar as influências que envolvem uma determinada cultura, em cada período histórico; precisa estar atendo ao “espírito da época”. O conhecimento das diversidades culturais, instrumentaliza o educador/pesquisador a ter muito mais subsídios para análises e, no caso de mediação, poder contribuir com os educandos para a reflexão da própria realidade cultural, até no sentido da necessidade de modificá-la ou não.

A experiência, também, me fornece a certeza de que a equipe a realizar projetos deste porte, deva, invariavelmente, trabalhar integrada, - de modo a contribuir e não divergir - mesclando estudos, planejamentos, e trabalho prático. A universidade produz conhecimento, e esses

conhecimentos são capazes, sim, de contribuir para com a melhoria da qualidade de vida da população.

Esta pesquisa pode colaborar como uma estratégia para trabalhar com grupos excluídos da sociedade visando construir junto formas de inclusão através da criatividade, da educação e do trabalho. Instrumentalizando-os para assumirem-se como sujeitos desse processo.

Faço os apontamentos acima, referendados em minha prática pedagógica mais recente. Quando decidi elaborar esse projeto de pesquisa, que aqui se encontra finalizado, pretendia que fosse além de uma ação imediata, unilateral e exclusivamente acadêmica.

Esse objetivo maior foi alcançado, pois desde março de 2004 coordeno a equipe de acadêmicos que executa o projeto de ensino, pesquisa e extensão, denominado *Arte-trabalho-educação: criatividade como alternativa para a inclusão social*. Este projeto é a continuidade e a ampliação, tão desejada por mim, desta pesquisa de mestrado, e tem seu foco voltado para o ensino e a extensão universitária.

Com satisfação relato que este foi um dos dez projetos premiados no IX Prêmio Banco Real/UniSol 2004, recebendo vinte mil reais para sua execução, permitindo assim, a ampliação do atendimento aos moradores da vila Maringá. Seu objetivo principal é contribuir de forma significativa para a melhoria das condições de vida das famílias da Vila Cerrito e Maringá, oferecendo conhecimentos acadêmicos, visando à capacitação dos participantes para a produção sustentável de tapetes e mantas, gerando trabalho, renda e inclusão social. Através da criatividade e do diálogo realizamos o processo de conscientização que também passa pelo aprofundamento de temas geradores que servem como base para a produção de estampas aplicáveis a tapetes e mantas. Seu referencial teórico e sua metodologia (oficinas) também se encontram baseadas nas atividades por mim desenvolvidas no período de coleta de dados da presente pesquisa. Com a continuidade dos trabalhos almejamos

concretizar o intuito de fomentar a criação de uma cooperativa auto-sustentável.

No nível acadêmico, encontro-me atuando como docente desta Universidade e coordeno o projeto acima citado, que conta nesta data com uma equipe interdisciplinar formada por 12 acadêmicos de 06 diferentes cursos. Esta equipe está tendo a oportunidade de ampliar seus conhecimentos na troca de saberes interdisciplinares com os colegas e com a comunidade, desenvolvendo estudos que fornecem um diferencial para sua formação acadêmica. Além de, também, já estar dando retorno à sociedade por conta do ensino público e gratuito de que fazem parte.

Como está colocado no início deste trabalho, as preocupações com questões político-sócio-culturais, fazem parte da minha trajetória de vida. São partes integradoras do meu viver no mundo, de estar nele e caminhar com ele.

A criatividade, em suas variadas formas, se apresenta primeiro como fonte do viver, de transformar, de conhecer e de ser. Mais tarde, sem ter como fugir descobri na educação e pesquisa, somadas à primeira, as fontes necessárias para inserir-me no mundo, emergindo dele e voltando a ele, aprofundando-me nele, transformando-me à medida que transformando-o e, transformando-o a medida que transformando-me. A mim e aos outros, com eles consciências também no mundo e com o mundo. Portanto, a temática aqui pesquisada é parte das minhas inquietações como consciência no mundo.

Sinto-me momentaneamente realizada ao perceber que os questionamentos que lancei como motivação para esta investigação me impulsionaram a realizar um processo de aprendizado tão rico, não só para mim, mas para estas cinco mulheres que comigo formaram um grupo de pessoas pesquisadas/pesquisadoras; ensinantes e aprendentes.

BIBLIOGRAFIA

A Arte e as Técnicas da Tapeçaria. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2004.

AMADORI, Marilaine Pozzatti. “**Palavra Geradora**” como tema para **reflexão-ação em arte-educação aplicada ao ensino não-formal.** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica. Santa Maria: DAV/CAL/UFSM, 2001.

_____. **Simbologia primitivo-cristã aplicada ao design de estamperia para tapetes.** Dissertação apresentada ao curso de Especialização do programa de Pós Graduação em Design para Estamperia. Santa Maria.CAL/UFSM, 2001.

Arraiolos: Uma pequena história. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11jan. 2004.

AZEVEDO, Sergio de. Déficit e Alternativas: uma análise crítica das políticas nacionais de moradia. **Tempo e presença.** Revista bimestral do CEDI. Santo Amaro: RJ. Ano 15 – nº 267. p. 05-08, Janeiro/fevereiro, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos.** Belo Horizonte: C? Arte, 1998.

_____. **Arte-educação: conflitos/acertos.** 2. ed. São Paulo: Max Limorad, 1985.

BASIACO, Silvestre Peciar. Reflexões sobre o decorativo: proposta de estudo para curso de estampa para a indústria têxtil. Santa Maria. **Expressão**. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de artes e letras. V. 4 – nº 1. p. 54-69, jan/jun, 1982.

BOFF, Leonardo. **Como o evangelho entra na cultura**. Tempo e presença. Ano 14, nº 264, 1992, p. 46-48.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Idéias e formas na história do Design: uma investigação estética**. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

BORBA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. (1ª ed. 1981) 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOTERF, Guy Lê. Pesquisa participante. Propostas e reflexões metodológicas. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Repensando a Pesquisa Participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De Angicos a Ausentes: 40 anos de Educação Popular**. Porto Alegre. MOVA-RS, CORAG, 2001.

_____. Pesquisar-participar. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org) **Pesquisa Participante** (1ª ed: 1981) 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAVALCANTI, Márcia Teixeira. **Tecendo o Universo Incaico**. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2004.

CORRÊA, Ayrton Dutra. **Tendências da educação e prática educativa no Brasil** (texto didático)

CRITELLI, Dulce Mara. **Educação e dominação cultural**. Tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez, 1981.

DALMAZZO, André. Considerações sobre arte e design. Santa Maria. **Expressão**. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de artes e letras. v. 1, ano 3, n. 1, p. 128, jan./jun. 1999.

D'ÁVILA, José Silveira. O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, Berta G. *et al.*. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO Carlos Rodrigues. (Org.) **Repensando a Pesquisa Participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERNANDES, João Viegas. Da alfabetização/educação de adultos a educação popular/comunitária: Relevância do contributo de Paulo Freire. In: NÓVOA, Antônio & APPLE, Michael W. (Orgs.) **Paulo Freire: Política e Pedagogia**. Porto: Porto Editora, 1998.

FINI, Carlos. **Tapetes Voadores I**: A tradição Iraniana e a Cosmologia Astrológica. Disponível em: <<http://portodoceu.terra.com.br/artesimbolismo/tapetesvoadores-6.asp>>. Acesso em: 1 mar. 2004.

FINI, Carlos. **Tapetes Voadores II**: Naim - A tradição Iraniana e a Cosmologia Astrológica. Disponível em: <<http://portodoceu.terra.com.br/artesimbolismo/tapetesvoadores-2d.asp>>. Acesso em: 1 mar. 2004.

FIOROTTI, Egídio. (Org.) **Fortalecimento do setor artesanal gaúcho: artesanato em reciclagem de papel.** Porto Alegre: FARRGS, 2001.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Porque se esconde a Violeta?** São Paulo: Annablume, 1995.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira & VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão (Orgs.) **Oficina de desenho urbano: desenhando e construindo a cidade no cerrado.** Uberlândia: universidade Federal de Uberlândia, PROEX, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação cultura para a liberdade.** 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Conscientização.** Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazer a melhor através da ação. *In:* BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante** (1ª ed. 1981) 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999a.

_____. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

_____. **Política e Educação.** 2 ed. SP: Cortez, 1995.

_____. **Professora Sim, Tia Não:** cartas a quem ousa ensinar. 2 ed. São Paulo: olho d' água, 2001b.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer**. Teoria e prática em educação popular. 5 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 1999.

FRIGOTO, Gaudêncio (Org.) **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2 ed. Scipione. São Paulo: SP, 1991.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: Propostas e projetos. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Repensando a Pesquisa Participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GÁLEA-BLANC, Clothilde. The origins of the knotted carpet. *In*: **Great Carpets of the Word**. Susan DAY... *et al.* The vendome press: Paris, 1996.

GALVÃO, Antônio Mesquita. Pais Responsáveis. **Rainha dos apóstolos**. Revista mensal dos Padres Palotinos. Ano 79, nº. 936, p. 09-10, agosto 2002.

GEERTZ, Cliford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GELLÉ, Odile. The manufacture, restoration, and conservation of carpets. *In*: **Great carpets of the word**. Susan DAY... *et al.* The vendome press. Paris, 1996.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhando**: um panorama dos sistemas gráficos. Santa Maria. Editora UFSM, 1995.

História da Tapeçaria nos Tempos Antigos. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2004.

HARPER, Babette, *et al.* **Cuidado, Escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 7 ed. (1ª ed. 1980) São Paulo: Brasiliense, s.d.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISAIA, Sílvia. **A teoria sócio-cultural da Vygotsky**: uma iniciação. Cadernos de pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Nº Santa Maria, 1991.

JASSON, H. W. **História da Arte**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da imagem**. 3. ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 1996.

JORJE, J. Jorge. **A ideologia de Paulo Freire**. Coleção Paulo Freire. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **Educação crítica e seu método**. Coleção Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1981.

JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. *In: JUNG, Carl G. et al. O homem e seus símbolos*. Tradução Maria Lúcia Pinho. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

LARROUSSE, **Enciclopédia Delta**. Rio de Janeiro: Delta, 1962. vol. 8 e 15.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., 1986.

MARINI, Luciano. Dignidade de Morar. **Tempo e presença**. Revista bimestral do CEDI. Santo Amaro: RJ. Ano 15 – nº 267. p. 09-10, Jan/fevereiro, 1993.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MATTÉ, Simone Witt. **Processos criativos e cognitivos no ambiente digital**. 2003. 138 f. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

MIKAELOFF, Yves. The carpet, na art simple or complex? *In: Great carpets of the world*. Susan DAY ... et al. The vendome press: Paris, 1996.

MISUGI, Takatoshi & KASHIWASHOBO, Kiyoshi Sasaki. **The Encyclopedia of Persian carpet patterns**. Toppan printing co. Tóquio: Japan, 1990.

MOURTINHO, Stella R. O.; PRADO, Rúbia B. B. do; LONDRES, Ruth R. **Dicionário de Artes Decorativas e Decoração de Interiores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1968.

NEIVA, Eduardo. Jr. **A imagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. A noção de “arte popular” – uma crítica antropológica. In: **7 brasileiros e seu universo**. Brasília: MEC. Departamento de Documentação e Divulgação, 1974.

O Tecelão : Suas ferramentas e Técnicas. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2004.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de & OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. (1ª ed. 1981) 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OLIVEIRA, Valdemir de. **Professor orientador e aluno pesquisador: experiências e vivências artísticas na formação de professores**. 2004. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 5ª reimpr. Da 1. ed. De 1994. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ORRO, Nagib. Design e meio ambiente. 21/07/2004, 17 h. **14º Encontro Nacional de Estudantes de Design: Design Emergente**. UFSM: Santa Maria, 18 a 25/07/2004.

Os tapetes indianos. Disponível em: <http://www.artmaya.com.br/inicio.asp?pag=art_indianos2.htm>. Acesso em: 28 mai. 2004

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

_____. **Criatividade e processos de criação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Universos da arte**. 13. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PAIM, Isaias. **Fenomenologia da atividade representativa**. 2. ed. São Paulo: Guijalba, 1972.

PELANDRÉ, Nilcea Iemos. **Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois**. São Paulo: Cortez, 2002.

PEQUINI, Suzi Mariño. Design no mundo em que eu vivo. Ensino: formação ideal x mundo real. 21/07/2004, 20h 30min. **14º Encontro Nacional de Estudantes de Design: Design Emergente**. UFSM: Santa Maria, 18 a 25/07/2004.

PILLAR, Anelice Dutra & VIEIRA, Denyse M. Alconde. **O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte**. Porto Alegre: Pallotti, 1992.

PIRES, Vera Lúcia. **Ideologia e discurso pedagógico**: o papel do professor na produção de um discurso polêmico. Dissertação de mestrado. Santa Maria-RS, 1992.

PISCHEL, Gina. **História universal da arte**. 2. ed. São Paulo: Mirador internacional, 1966.

Propiedades de las alfombras de ARDABIL. Febrero 29, 2004. Disponível em: <http://www.oldcarpet.com/sp/carpet_by_zone.htm>. Acesso em: 01 mar. 2004.

REDIG, Joaquim *et al.* Quem desenha o nosso futuro? O papel social do Design em países em desenvolvimento. 22/07/2004, 20 h. **14º Encontro Nacional de Estudantes de Design: Design Emergente**. UFSM: Santa Maria, 18 a 25/07/2004.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotski: uma perspectiva histórico-cultural da educação**: 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIVIÉRE, Angel. **La psicología da Vygotski**. 2. ed. Madrid: aprendizaje visor, 1985.

RODARI, Giani. **Gramática da fantasia**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1982.

ROMÃO, José Eustaquio. **Pedagogia dialógica**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Antônio Neto F. *et al.* O meio: a cidade, o desejo, o desenho e o olhar. *In*: FRANGE, Lucimar Bello Pereira, *et al.* **Oficina de Desenho**

Urbano: desenhando e construindo a cidade no cerrado. Universidade Federal de Uberlândia/PROEX: Uberlândia, 2002.

SAVIANI, Demerval. Educação e trabalho artesanal. *In:* RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão**. Tradução: Maria de Lourdes Menon. Campinas: Autores associados, 1998.

SECRETARIA DE ESTADO DO TRABALHO, CIDADANIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Análise, classificação e registro do artesanato do Rio Grande do Sul**. *In:* FIOROTTI, Egídio. Portaria n. 119, publicada no DOE em 12/06/2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SMEETS, René. **Signos, símbolos e ornamentos**. Tradução de Fernando de Ximenes. Ediouro, sd.

SOUZA, Ana Inês. *et alli*. (Org.) **Paulo Freire: Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SOUZA, João Francisco. **Atualidade da Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultura**. São Paulo: Cortez, 2002.

STRECK, Danilo *et alli*. (Org.) **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Tapetes de Arraiolos Califa, desde 1916. Disponível em: <http://www.freewebs.com/califa/PT_Int.htm>. Acesso em: 01 mar. 2004.

Tapetes de Arraiolos feitos em Maputo. Número 41. 28 de Novembro de 2001, Suplemento do **JL**, Nº 813, Ano XX. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte41f.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2004.

Tapetes Orientais. Disponível em: <<http://www.artmaya.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

_____. Notas para o debate sobre pesquisa-ação:. *In:* BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Repensando a Pesquisa Participante.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. PRPGP. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses:** MDT. 5. ed. Santa Maria: 2000.

VASCONCELOS, Naumi, A. de. Qualidade de vida e habitação. *In:* CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org). **Psicologia Social e comunitária:** da solidariedade à autonomia. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

VIEIRA, Waldo. **700 experimentos da Conscienciologia.** Rio de Janeiro, RJ: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 1994.

VIVES, Vera de. A beleza do cotidiano. *In:* RIBEIRO, Berta G. *et al.* **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

VYGOTSKI, L. S. **A formação Social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **La formacion y el arte em la infancia** (Ensayo psicológico). Madrid: Akal Editor, 1988.

WERTSCH, James V. **Vygotsky y la formación social da la mente**. Barcelona: Piados, 1988.

ZAGO, Ceres Ines Zasso. **O símbolo na representação gráfica infantil e sua relação com as competências intelectuais**. 1999. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

ANEXOS

ANEXO A– Dinâmicas desenvolvidas e empregadas para apreensão das *palavras geradoras*

Dinâmica a – COTIDIANO

LISTAR AS COISAS QUE FAZ TODOS OS DIAS

- horário de acordar/levantar;
- manhã;
- tarde;
- noite;
- horário de dormir.

Anotar as falas. Ver o que é comum a todas.

Objetivo: refletir sobre o conjunto de tarefas cotidianas que as mulheres pesquisadas/pesquisadoras executam durante o ciclo de um dia, para distanciarem-se de sua rotina e através do diálogo perceberem-se enquanto sujeitos culturais.

Desenvolvimento: solicitei a elas para listar em folha branca todas as tarefas que executam durante um dia inteiro. Para auxiliar dei algumas dicas: o que fazem ao acordar/levantar, pela manhã, tarde, noite...

Logo após as mulheres leram suas listas de afazeres diários, fui tomando nota no quadro e debatemos suas ações culturais cotidianas. A partir daí inseri questionamentos sobre o tema cultura, tendo por ponto de partida suas ações cotidianas. Para finalizar escolhemos as palavras geradoras mais enfatizadas neste debate.

Matriz da dinâmica **b – COMUNIDADE**

DESCREVER A VILA CERRITO

Objetivo: refletir sobre sua comunidade e fazer relações entre o universo pessoal de cada mulher e o universo coletivo delas enquanto habitantes de uma mesma localidade.

Desenvolvimento: dei papel e sugeri alguns tópicos para orientar a descrição:

- como é o terreno da vila, a localização (geografia)
- como são as pessoas? Quem são as pessoas? (população)
- como são os hábitos e costumes das pessoas?
- O que mais tem na Vila?
- O que não tem na Vila?

Anotei no quadro as respostas das mulheres grifando as mais evidenciadas. Em grupo assinalamos as questões que dinamizaram a escolha de outras *palavras geradoras* deste grupo de mulheres

Dinâmica **C** – **MUNDO**

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO?

Objetivo: ampliar ao máximo o horizonte de análise das mulheres num exercício cognitivo que possibilite fazer relações entre seu universo local e o universo dos acontecimentos mundiais.

Desenvolvimento: Sugeri três questões bases e dei tempo para as mulheres escreverem suas respostas.

- O que está acontecendo no Brasil hoje? E no mundo? (Vocês vêem e ouvem pela TV) e na cidade?
- O que isso tem a ver com a nossa Vila? O que não tem? (Relação – por no quadro)
- Pelo que vocês vêem, sabem, conhecem... todos os lugares são iguais ao nosso? Porque? Porque não são?

Fomos dialogando através das respostas de cada uma das mulheres e novamente escolhemos as temáticas mais relevantes na visão das pesquisadas/pesquisadoras.

Dinâmica **d** – PESSOAL

FALAR DE SI

Objetivo: após ter analisado âmbitos externos, voltar o olhar para seu mundo interno e perceber as características pessoais, agora contextualizadas com o mundo que a rodeia.

Desenvolvimento: novamente pautei questionamentos para suscitar os conhecimentos oriundos das mulheres para daí seguirmos adiante.

- Como eu sou – características
- Do que gosto?
- O que não gosto?
- Qual meu maior defeito?
- Qual minha melhor qualidade?
- Quais os valores que são mais importantes para mim?
- Qual meu maior sonho?
- Qual meu papel na família?
- Qual meu papel no mundo?

Cada mulher foi inserindo suas respostas e a partir daí fizemos um apanhado das principais respostas possibilitando a extração de palavras que completaram o quadro de *palavras geradoras* necessários á todo o restante do processo investigativo.

ANEXO B Contrato do galpão.

ANEXO C Mapa da Vila Cerrito.

ANEXO D Ficha de cadastro das mulheres pesquisadas/pesquisadoras
I.

**ANEXO E Ficha de cadastro das mulheres pesquisadas/pesquisadoras
II.**

**ANEXO F Ficha de cadastro das mulheres pesquisadas/pesquisadoras
III.**

**ANEXO G Ficha de cadastro das mulheres pesquisadas/pesquisadoras
IV.**

**ANEXO H Ficha de cadastro das mulheres pesquisadas/pesquisadoras
V.**

ANEXO I Matriz do roteiro para análise de processofólio.

- 1) O que você pensou que iria acontecer quando eu expus a proposta do projeto desta pesquisa?
- 2) O que você esperava que fosse fazer?
- 3) Como você se sentiu falando do seu cotidiano?
- 4) O que representou para você fazer este trabalho?
- 5) O que representou refletir sobre o lugar onde você mora?
- 6) Como foi pra você decidir e executar uma ação para resolver esse problema?
- 7) Como foi criar um tapete com esse tema gerador?
- 8) Você gostou do resultado? Sim, não, porque?
- 9) Qual a importância, para você, de refletir sobre a palavra geradora "filhos"?
- 10) Houve superação da sua consciência a partir da reflexão deste tema gerador? De exemplos.
- 11) Porque você escolheu esse tema gerador? Que significam para você?
- 12) Como foi criar um tapete com este tema gerador?
- 13) Porque você escolheu esse tipo e tamanho de tapete?
- 14) Gostou do resultado que você atingiu?
- 15) Que ações esse tema gerador provocou?
- 16) O que significou o terceiro tema gerador para você? Qual a importância dele na sua vida?
- 17) Ele provocou alguma mudança em você?
- 18) Que reflexões ele provocou?
- 19) Que ações ele provocou?
- 20) Porque escolhestes estes símbolos para representar este tema?
- 21) Como foi que você fez essa pesquisa (desenhos)?
- 22) Porque escolheu essas cores?
- 23) Você gostou desse projeto? Porquê?
- 24) Qual projeto você escolheu para estampar? Porque?

- 25) O que você entende por pesquisa?
- 26) O que você acha que o que fez foi pesquisa?
- 27) O que você entende por cultura?
- 28) O que essa pesquisa tem a ver com cultura?
- 29) Como foi a experiência de trabalhar junto com as outras mulheres?
Que tipo de relacionamento tinham antes e como ficou depois?
- 30) Algo mudou em sua vida com essa pesquisa? O que?
- 31) Você se acha uma pessoa criativa? Quando? Como? Porque?
- 32) Seus familiares tiveram algum tipo de reação por você estar participando deste trabalho? Quem? Explique.
- 33) Como foi a experiência de estampar um projeto, vê-lo objetivado num tapete pronto para ser usado?
- 34) Como foi a experiência de Ter feito o acabamento sem minha presença?
- 35) O que eu representei/represento para você?
- 36) O que você achou das palavras geradoras refletidas? Você acha que expressam sua realidade e de sua comunidade?
- 37) O que você achou de trabalhar/refletir com temas de sua realidade?
- 38) O que você achou de Ter o primeiro tema gerador comum e tapete comum, o segundo tema gerador comum e tapete diferente para cada uma e do terceiro tema gerador ser diferente, contudo o padrão igual?
- 39) O que poderia Ter sido diferente?
- 40) Que sugestões você daria para próximos trabalhos?
- 41) O que você gostaria de experimentar que não experimentou?
- 42) Se tivesse que dar um nome para se referir a esse tipo de trabalho, qual você daria?
- 43) O que você acredita que foi mais importante nessa pesquisa?
- 44) Você lembra do nosso estudo de elementos do desenho/imagem?
- 45) Sabe identificar nos trabalhos?
- 46) Defina o tipo de estampa que você criou?
- 47) Você gostaria de dar nome a seus projetos?

48) Qual poderiam ser?

49) Quer dizer mais alguma coisa?

ANEXO J Carta de Cessão.

Nós, abaixo assinadas, declaramos para os devidos fins que cedemos os direitos de nossas participações orais e escritas, fotos de obras de nossa autoria bem como a publicação de nossa imagem pessoal e de nossos filhos e filhas (fotos e vídeo), podendo as mesmas serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações desde a presente data.

Isso se dá como referência à dissertação de mestrado intitulada “Palavras Geradoras como tema para o design de estamparia: um estudo com mulheres da Vila Cerrito”, de autoria de Marilaine Pozzatti Amadori, na qual participamos durante o processo de pesquisa implementado pela autora.

Abdicando direitos nossos e de nossos descendentes, subscrevemos esta Carta de Cessão, onde fica manifesta a nossa autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santa Maria, 1º de agosto de 2004.

Denise da Silva Poloniato
RG: 8594624350
Rua: 05 nº 20 – Vila Cerrito
Santa Maria, RS

Rosângela Scherer Pereira
CPF: 008907030-51
Rua 5 nº 53 – Vila Cerrito
Santa Maria, RS

Elissandra da Silva
CPF: 008817530-84
Rua 5 nº 12 – Vila Cerrito
Santa Maria, RS

Tereza de Souza
CPF: 635986710-91
Rua 5 nº 18 – Vila Cerrito
Santa Maria, RS

Marlete Camilo
CPF: 998662420-72
Rua: 5 – Vila Cerrito
Santa Maria, RS

ANEXO K Imagens da investigação. CD-ROM.